

Volume
XVI

1º SEMESTRE DE 2019

ISSN 2237-3586

Editores responsáveis

Prof. Dr. André Luiz Alselmi (Centro Universitário Barão de Mauá)

Profa. Me. Elaine Christina Mota (Centro Universitário Barão de Mauá)

Prof. Dr. Marco Antônio de Almeida Ruiz (Centro Universitário Barão de Mauá)

Profa. Dra. Renata Maria Cortez da Rocha (Centro Universitário Barão de Mauá)

Conselho editorial

Prof. Dr. Adalberto Luis Vicente (UNESP/FCLAr)

Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade (UFS)

Profa. Dra. Cristiane Rodrigues de Souza (UFMS - Câmpus de Três Lagoas)

Profa. Dra. Elaine Cristina Prado dos Santos (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Profa. Dra. Eliane Soares de Lima (Universidade Federal do ABC - UFABC)

Profa. Dra. Fabiane Renata Borsato (UNESP)

Profa. Dra. Fabrícia Aparecida Migliorato Corsi (UFSCar/Libertas)

Profa. Dra. Giovanna Longo (UNESP/FCLAr)

Prof. Dr. Jacob dos Santos Biziak (IFPR - Câmpus Palmas)

Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa (UFTM)

Profa. Dra. Lígia Menossi Araujo (UFSCar/USP)

Profa. Dra. Marcela Ulhôa Borges Magalhães (FATEC Nilo de Stefani)

Profa. Dra. Maria Beatriz Gameiro Cordeiro (IFSP – Câmpus Sertãozinho)

Profa. Ma. Marília Ferranti Marques Scorzoni (Centro Universitário Barão de Mauá /
Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto)

Profa. Dra. Naiá Sadi Câmara (UNAERP-UNI-FACEF)

Profa. Dra. Renata Mancini (Universidade Federal Fluminense)

Prof. Dr. Renato Alessandro dos Santos (Centro Universitário Moura Lacerda)

Profa. Ma. Rita de Cássia Constantini Teixeira (Centro Universitário Barão de Mauá)

Profa. Dra. Vanessa Chiconeli Liporaci de Castro (IFSP - Câmpus Campinas)

Profa. Dra. Vera Lucia Rodella Abriata (UNIFRAN -Universidade de Franca)

Vocábulo: revista de letras e linguagens midiáticas. v. 16. Centro
Universitário Barão de Mauá: Ribeirão Preto, 2019.

Semestral

ISSN: 2237-3586 (online)

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

Editorial

Prof. Dr. André Luiz ALSEMI (Centro Universitário Barão de Mauá)

Profa. Ma. Elaine Christina MOTA (Centro Universitário Barão de Mauá)

Prof. Dr. Marco Antonio Almeida RUIZ (Centro Universitário Barão de Mauá)

Profa. Dra. Renata Maria Cortez da Rocha ZACCARO (Centro Universitário Barão de Mauá)

Artigos

▪ **Entre a realidade e a fantasia: a semiótica de *Once upon a time***

Marco Antonio Almeida RUIZ (UFSCar/EHESS)

▪ **Problemas da (po)ética de Bakhtin: por uma teoria de sujeito insuficiente**

Fernando Ribas CAMARGO (IFPR)

Jacob dos Santos BIZIAK (IFPR)

▪ **Os neologismos em *memes* cristãos: uma análise da produtividade dos tipos de neologismo na página *south américa crentes***

Amélia Maria Tenório CALADO (UPE/Campus Garanhuns)

Esteffany Silva Santos MARQUES (UPE/Campus Garanhuns)

Inaê Tenório MELQUIADES (UPE/Campus Garanhuns)

Marcela Regina Vasconcelos da Silva NASCIMENTO (UFPE)

▪ **Tessitura gótica no conto *at chênrière caminada*, de kate chopin**

Rosemary Elza FINATTI (UNESP-FCLAr)

▪ **Aquisição de inglês por meio de videogames não didáticos**

Gabriel Ortiz NUNES (UTFPR)

Andressa BRAWERMANN-ALBINI (UTFPR)

Resenha

- ***Uso, norma(s) e variação linguística no ensino de gramática de língua portuguesa***

Camila Bordonal CLEMPI (UNESP-FCLAr)

Revista *Vocábulo*
Décimo sexto volume
Primeiro semestre de 2019

No décimo sexto volume de publicação da revista *Vocábulo*, os editores responsáveis apresentam, com grande satisfação, cinco artigos e uma resenha, escritos por pesquisadores de diversas instituições do país, nas diferentes áreas de Letras e Comunicação.

O volume é composto por textos voltados para a pesquisa na área de Linguística e Literatura. No âmbito da Linguística, Marco Antonio Almeida Ruiz, em seu texto “Entre a realidade e a fantasia: a semiótica de *Once upon a time*”, faz um breve exercício de análise semiótica utilizando-se da teoria greimasiana a partir de um episódio da série televisiva *Once upon a time*. Além disso, o autor procura observar as diferentes construções narrativas do plano de expressão que reverberam no plano de conteúdo.

No artigo “Problemas da (po)ética de Bakhtin: por uma teoria de sujeito insuficiente”, Fernando Ribas Camargo e Jacob dos Santos Biziak têm como objetivo estabelecer um diálogo entre as obras do Círculo de Bakhtin e da Psicanálise de Freud e de Lacan, cuja função é construir uma teoria sobre o sujeito que considere o modelo dialógico de leitura e o inconsciente.

Outra contribuição importante para este volume é de Amélia Maria Tenório Calado, Esteffany Silva Santos Marques, Inaê Tenório Melquiades e Marcela Regina Vasconcelos da Silva Nascimento em “Os neologismos em *memes* cristãos: uma análise da produtividade dos tipos de neologismos na página *south américa crentes*”. O artigo tem como objetivo estudar a criação neológica nos *memes* cristãos na rede social *Facebook*, sobretudo naqueles que se voltam para a doutrina protestante, utilizando, para essa análise, a página *South América Crentes*. Para isso, as autoras entendem que a língua se torna um lugar interessante de observação, repleta de mudanças constantes, em que tanto as unidades lexicais quanto os seus sentidos são expandidos e modificados por certos neologismos, produzidos a partir dos processos de criação de novas palavras ou atribuição de significados.

No campo da Literatura, encontramos uma análise interessante sobre o conto *At Chênrière Caminada*, de Kate Chopin, no artigo de autoria de Rosemary Elza Finatti,

intitulado “Tessitura gótica no conto at chênrière caminhada, de Kate Chopin”. O texto tem como objetivo traçar teoricamente a concepção de Edmund Burke acerca do sublime e as considerações de Fred Botting a partir da ambientação gótica que compõe toda a narrativa. Em virtude disso, como forma de descrever um amor crítico de Kate Chopin, a autora tece suas considerações a partir de traços da ficção de terror, tendo como pano de fundo a cor local e a história de um amor impossível.

No último artigo, “Aquisição de inglês por meio de videogames não didáticos”, Gabriel Ortiz Nunes e Andressa Brawerman-Albini, propõem uma reflexão acerca das impressões de alunos de Letras a respeito de jogos, tomando-os como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem da língua.

Já na resenha intitulada “*Uso, norma(s) e variação linguística no ensino de gramática de língua portuguesa*”, de Camila Bordonal Clempi, encontramos uma breve exposição do capítulo de Maria Helena de Moura Neves, *Uso, norma e variação linguística*, presente na obra *A gramática do português revelada em textos*. Nele, em âmbito da linguística, a escrita é responsável por se manifestar de diferentes modos a partir da linguagem como um fenômeno variável e como um instrumento social e heterogêneo.

Manifestamos nossa gratidão aos colaboradores do volume, autores, pareceristas e revisores, que são elementos cruciais para o desenvolvimento deste trabalho de divulgação científica. Pelo suporte oferecido por meio de sua reitoria e direção, agradecemos, principalmente, ao Centro Universitário Barão de Mauá.

Tenham uma ótima leitura!

Prof. Dr. André Luiz ALSEMI

Profª. Ma. Elaine Christina MOTA

Prof. Dr. Marco Antonio Almeida RUIZ

Profª. Dra. Renata Maria Cortez da Rocha ZACCARO

Editores responsáveis

Entre a realidade e a fantasia: a semiótica de *Once upon a time*

Marco Antonio Almeida Ruiz¹

Resumo

A semiótica tem como objeto de estudos o texto, é responsável por descrever e explicar o que um texto pode dizer e como faz para dizer. Para tal, ela se baseia em um percurso gerativo do sentido que contribui para a construção de efeitos de verdades a partir da materialidade escolhida, além disso, busca examinar os procedimentos de sua organização e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção. Assim, ancorados teórico-metodologicamente na semiótica francesa, sobretudo nas proposições da semiótica greimasiana, temos como objetivo neste artigo construir um primeiro esboço analítico utilizando-se da teoria greimasiana; nosso material é composto por alguns recortes de um episódio televisivo da série *Once upon a time* (ABC Studios), intitulado “Pilot”. Procuramos, com isso, observar as diferentes construções narrativas do plano de expressão que reverberam no plano de conteúdo.

Palavras-chaves: *Once upon a time*. Percurso gerativo do sentido. Plano de conteúdo.

Abstract

*Semiotics aims to study the text, it is responsible for describing and explaining what a text can say and how it does to say. For this, it is based on a meaning generative path that contributes to the construction of effects of truths from the materiality chosen; in addition, it seeks to examine the procedures of its organization and, at the same time, the enunciative mechanisms of production and reception. Thus, theoretically and methodologically anchored in French semiotics, especially in the propositions of greimasian semiotics, in this article we aim to construct a first analytical draft using greimasian theory; our material is made up of a few cuts of a television episode of the series *Once upon a time* (ABC Studios), titled “Pilot”. Therefore, we look to observe the*

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) na área de análise do discurso. É também doutor em ciências da linguagem pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris. Foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Proc. n.º. 2014/22526-7). E-mail: marcoalmeidaruiz@gmail.com.

different narrative constructions of the plan of expression that reverberate in the content plan.

Keywords: *Once upon a time. Meaning generative path. Content plan.*

Primeiras palavras...

À época do estruturalismo em linguística, herdado do linguista Ferdinand de Saussure, o sentido tornou-se um objeto estranho a muitos estudiosos da linguagem, tratava-se de algo que não fazia parte das reflexões do momento justamente por priorizar o sistema da língua em detrimento da fala, era preciso, com isso, olhar o que seria próprio desse sistema sem considerar os elementos extralinguísticos. Desse modo, a preocupação foi cuidar de um objeto de estudo mais caro para a Linguística e fazer dela um campo científico autônomo, uma ciência piloto.

Assim, Saussure, no início de seu *Curso de Linguística Geral* (CLG), obra pioneira, buscava estabelecer o que seria o objeto de estudos da Linguística. Para isso, desconsiderou os elementos pertencentes à linguagem que poderiam ser estudados do ponto de vista de outras ciências, ou seja, “tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence ao domínio individual e ao domínio social” (SAUSSURE, 2006, p. 17). Além disso, a linguística não poderia tomar a linguagem como objeto, pois se assim o fizesse, ela apareceria “como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si” e seria suscetível a várias outras ciências, como a Antropologia, a Psicologia etc. (2006, p. 16).

Como resultado dessas questões, o autor genebrino afirmou em sua obra que “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2006, p. 16) e concluiu dizendo que o objeto da Linguística é a *língua*. A língua, ao contrário da linguagem, é única e homogênea; “ela não constitui uma função do falante: é produto que ele registra passivamente” (2006, p. 22). Uma vez que a concretização da língua é a *fala*, esta é:

Um ato individual de vontade e de inteligência, no qual convém distinguir: 1) as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essa combinação (SAUSSURE, 2006, p. 22).

A partir disso, a língua, na perspectiva saussuriana, é definida como um sistema composto por signos linguísticos em que um signo se define pelos demais do conjunto. Por signo linguístico entende-se a relação entre um conceito e uma imagem acústica, isto é, ao conceito, Saussure o chamou de significado e à imagem acústica, significante.

Em virtude disso, durante o estruturalismo, a linguística ficou presa aos limites da frase, por acreditar que ela seria a unidade linguística por excelência. Como dissemos anteriormente, era preciso pensar o sistema no interior da língua em que a dimensão máxima a qual se chegava era a sentença. Tais limites foram muito fortes durante o período em que a Linguística se confundia com a fonologia e a morfologia, com menos facilidade nos estudos da sintaxe e que se tornaram insustentáveis no ressurgimento dos estudos semânticos nos anos sessenta. Durante muitos anos, a semântica foi considerada a *prima pobre* dos estudos da linguagem, cujo objetivo era olhar uma semântica da palavra isolada, impossibilitando a continuidade de se pensar a linguística como um projeto ainda em construção.

Passado o período do estruturalismo “hard”, novas perspectivas de estudos em torno da semântica foram surgindo e abrindo caminhos, sendas e veredas para novas discussões teóricas. A noção de frase como unidade linguística por excelência já não era mais sustentada. Era, pois, preciso pensar o conjunto de signos que compõem uma unidade textual. Nesse caminho, Louis Hjelmslev foi responsável por dar continuidade aos estudos em torno do signo linguístico proposto pelo mestre genebrino – significante e significado – e mostrou ser possível examiná-lo a partir de planos: da *expressão* e do *conteúdo*. Nesse caminho, a semântica estrutural, por exemplo, desenvolveu alguns princípios e métodos responsáveis por estudar o sentido.

Com a mudança de posicionamento teórico frente aos fatos de linguagem no período pós-estruturalista, novas propostas teóricas que foram surgindo tomaram não mais a frase como objeto de trabalho, mas o texto, isto é, o sentido da frase depende do sentido do texto. Assim, apresentamos uma dessas propostas de estudos a fim de compreendermos a construção de um percurso gerativo de sentido: a semiótica greimasiana, mais especificamente, a herdada de Aljirdas Julien Greimas. Ressaltamos que a passagem de uma linguística de cunho estruturalista – tratada por signos por meio de um sistema – à uma linguística do texto – focada no sentido, por exemplo – não exclui todo o propósito teórico construído por Saussure, pelo contrário, (re)afirma que

diante de novos fatos de trabalho, novos objetos de estudo, ou até mesmo novos pontos de vistas podem proporcionar-nos a pensar a língua em diferentes contextos de produção, assim como na construção de novas reflexões que (re)definem um campo científico qualquer.

1. A semiótica greimasiana: princípios teóricos

A semiótica tem como objeto de estudos o texto, procura, com isso, descrever e explicar “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 1990, p. 7). Assim, o texto, segundo essa perspectiva, caracteriza-se pela estruturação que faz dele um “todo de sentido” entre um enunciador e um enunciatário; é entendido como: *objeto de significação*, que trata das estruturas que o compõem para formar o sentido e; *objeto de comunicação* entre dois sujeitos, isto é, concebido por meio do lugar em que está inserido numa sociedade, com valores e cargas culturais. Ele só existe na dualidade que o define como objeto de significação e objeto de comunicação (BARROS, 1990).

Nesse sentido, para explicar o que um texto pode dizer e como faz para dizer, a semiótica, derivada de Greimas, busca examinar os procedimentos de sua organização e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção. Para a sua avaliação, o texto pode não ser apenas linguístico – uma poesia, um editorial de revista, uma aula ou uma conversa de adultos – mas também pode se compor por meio de um texto visual ou gestual – uma aquarela, uma dança, uma exposição de arte – ou um texto sincrético, de mais de uma expressão – uma história em quadrinhos, um filme, uma série televisiva, entre outros. Por isso mesmo, na esteira de L. Hjelmslev e Greimas, seguimos nosso percurso de análise a partir da abstração das diferentes manifestações – visuais, gestuais, verbais ou sincréticas – e examinamos apenas o plano do conteúdo, considerando um *percurso gerativo do sentido* (PGS).

Para a construção do sentido em um texto, a semiótica francesa prevê o seu plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo, que pode ser pensado a partir de alguns pressupostos teóricos: a) o percurso vai do mais simples ao mais abstrato; b) são estabelecidas três etapas de análise do percurso, podendo ser descrita por uma gramática autônoma, todavia, o sentido se estabelece por meio da relação entre níveis; c) a primeira etapa é a do **nível discursivo**, a mais concreta, e está marcada na narrativa pelo sujeito da enunciação; d) em seguida, o **nível narrativo** organiza-se do ponto de

vista de um sujeito, é das relações de junções entre os sujeitos com seus objetos que se desenvolvem programas narrativos e, por fim; e) o **nível fundamental**, marcado por uma oposição semântica mínima que sustenta todo o texto.

Tomando para nossas reflexões tais considerações teóricas, faremos a seguir, a descrição de cada nível do plano de conteúdo trazendo como exemplo de análise um episódio da série televisiva *Once Upon a Time*, da rede norte americana ABC. O episódio analisado é o primeiro de uma série, intitulado “Pilot”, exibido na primeira temporada, em 23 de outubro de 2011. Nosso objetivo, neste artigo, é propor um primeiro esboço analítico acerca do *percurso gerativo de sentido* de um texto sincrético, que tem nas imagens, sons e gestos algo de muito significativo. Não queremos, com isso, esgotar as possíveis releituras ou, talvez, propor uma “verdade” dos (sobre os) fatos, mas apenas apresentar um exercício em que aplicamos o percurso gerativo de sentido proposto pela semiótica francesa.

2. Nível discursivo

O nível discursivo é marcado por um sujeito da enunciação (alguém que é responsável por dizer algo). Ele se desdobra em um enunciador (quem fala) para um enunciatário (para quem se fala). Ao tratarmos do sujeito da enunciação para a semiótica – seja pela perspectiva do enunciador, seja do enunciatário – referimo-nos a uma “voz” que emana do texto e nem sempre pode ser representada por pessoas reais. Desse modo, neste nível, de maior concretude, podemos encontrar as estratégias de projeção do sujeito, mais especificamente, às projeções das categorias de *pessoa, tempo e espaço* (sintaxe discursiva). Ademais, encontramos ainda as relações entre *temas e figuras* (semântica discursiva) determinadas pela mesma enunciação. Ao tratar da sintaxe discursiva, Barros (1990) acentua que “cabe à sintaxe do discurso explicar as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e também as relações que se estabelecem entre enunciador e enunciatário” (p. 54), é por meio dessa relação que encontramos as categorias de pessoa, tempo e espaço.

Por conseguinte, como primeira categoria temos a presença do sujeito da enunciação. Ele é representado pelas figuras do “eu-tu” na enunciação, isto é, há fortes indícios do processo enunciativo – *debreagem enunciativa*; já o “ele” está fora dessa relação: é o elemento material que constitui a enunciação por meio de uma relação

indireta, “ele” não fala no enunciado – debreagem enunciva. A segunda categoria é marcada pelo espaço. Na enunciação enunciada – em que há a presença do sujeito da enunciação – o espaço é o *aqui* e na enunciação não enunciada – enunciva – ele é marcado pelo *alhures*. Por fim, a terceira categoria é a de tempo, representada na enunciação como um *agora*, em oposição ao *então*.

Quando falamos da *semântica discursiva* pensamos nos “valores assumidos pelo sujeito da narrativa [...] disseminados sob a forma de percursos temáticos e investimentos figurativos” (BARROS, 1990, p. 68). Ou seja, a disseminação dos temas e figuras é tarefa desenvolvida pelo sujeito da enunciação, é ele quem assegura, seguindo os percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, por meio disso, o efeito de sentido, sobretudo o de realidade (BARROS, 1990).

Ao tematizar um discurso, podemos formular os valores de modo abstrato e pensá-los a partir de um percurso, isto é, podemos dizer que os percursos construídos são constituídos pela recorrência de traços ou semas, adquiridos abstratamente. Já o processo de figurativização é marcado por figuras que recobrem os percursos temáticos abstratos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial (BARROS, 1990).

3. Nível narrativo

Trata-se de um nível mais abstrato em relação ao nível discursivo, em que é responsável por organizar a narrativa a partir do ponto de vista do sujeito da enunciação. Além disso, também encontramos neste nível uma sintaxe narrativa e uma semântica narrativa.

De acordo com Barros (1990), a sintaxe narrativa deve ser pensada como um “espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo” (p. 16). Para compreendermos a organização textual da narrativa, é preciso, portanto, descrever o espetáculo, a cena, determinando quem são seus participantes e o papel que representam na história contada. É nesse momento que encontramos o desenvolvimento de diferentes *programas narrativos* que são responsáveis pela descrição do espetáculo. Trata-se, pois, das relações estabelecidas pelos seus actantes (seus sujeitos, a grosso modo).

Dessas relações partem-se a questão das junções entre o sujeito e o objeto (enunciados de estado). A junção determina o estado, a situação do sujeito em relação a um objeto qualquer. Nesse sentido, há sempre um sujeito que se coloca em busca de um

objeto que representa um dado valor a ele. O objeto da narrativa pode não ser necessariamente representado por algo palpável, mas por algo que represente uma meta a ser alcançada por um sujeito. Podemos contar a história de um príncipe em busca de uma princesa, de um estudante em busca da tão sonhada vaga na universidade, entre outros. Todas essas narrativas têm em comum um sujeito que busca um objeto² valor.

Usando a terminologia da semiótica, a ideia do sujeito de alcançar a sua meta significa entrar em conjunção com o seu objeto valor. Para tal objetivo ser atingido, o sujeito irá traçar um caminho que será marcado por transformações que podem (ou não) se realizar, configurando-se, assim, em situações de junções entre sujeitos e objetos (enunciados de fazer), ou seja, tais ações operam a passagem de um estado a outro, de um estado conjuntivo a um estado disjuntivo e vice-versa.

Em virtude disso, uma narrativa sempre se constrói baseada nas noções de sujeito, anti-sujeito e o objeto (modal e de valor) a partir de suas transformações. Se pensarmos o papel do anti-sujeito, por exemplo, podemos dizer que ele representa os obstáculos que cada um dos sujeitos da narrativa vão encontrar em seu caminho de busca. Em outras palavras, o anti-sujeito pode ser um dragão terrível que tenta impedir o príncipe de alcançar a princesa, pode ser uma crise financeira que impeça o contribuinte a resgatar o seu dinheiro etc.

Em suma, apesar das narrativas serem contadas de maneiras diferentes, ambientadas por meio de espetáculos distintos, elas possuem esquemas de organização comuns, possuem uma lógica geral dos textos marcada por um percurso gerativo de sentido. Isso será verificado no nível discursivo, pois é nele que a concretização desse esquema se firmará. Tal organização narrativa produz determinados efeitos de sentido acerca dos diferentes programas narrativos³ descritos conforme a narrativa.

A *semântica narrativa* caracteriza-se pela modalização e das paixões delas decorrentes. Ocupa-se, com isso, dos valores estabelecidos da relação do sujeito com os objetos. Podemos dizer que é um momento em que verificamos as paixões que movem os sujeitos para alcançar o seu objeto. Nesse caminho, qual seria o objetivo do príncipe ao resgatar a princesa?: propor-lhe casamento; quais os meios por ele empregado para que tal meta seja confirmada (ou não)?, entre outros. É dessa relação, por exemplo, que vemos as transformações nas relações de junções entre os sujeitos e seus objetos.

² O objeto modal irá representar os meios que o sujeito dispõe para alcançar o seu objeto valor.

³ O programa narrativo define-se como um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado (BARROS, 1990, p. 20).

4. Nível fundamental

O nível fundamental, caracterizado como o nível mais abstrato, é composto pela organização do texto acerca de oposições semânticas mínimas. Ou seja, a semântica do nível fundamental está na base da construção de um texto. Nesse nível de análise, é possível, pois, encontrarmos oposições como *vida x morte*, *identidade x alteridade*, *fantasia x realidade*, *natureza x cultura*, entre outras. Já a sintaxe fundamental abrange duas operações: a negação e a asserção (FIORIN, 2009). Diríamos, portanto, que na sucessividade de um texto, é possível que ocorra essas duas operações que se opõem numa relação *a versus b*: i) afirmação de *a*, negação de *a*, afirmação de *b*; ii) afirmação de *b*, negação de *b*, afirmação de *a*. Diríamos que um termo seria marcado euforicamente e o outro disforicamente. É neste nível que encontramos o quadrado semiótico, representando essa oposição semântica que sustenta todo o texto.

5. A semiótica em *Once upon a time*: caminhos a trilhar

Temos como objetivo no tópico que se abre fazer um primeiro esboço de análise do episódio um – “Pilot” – da série *Once Upon a Time*⁴, por meio dos conceitos da teoria semiótica greimasiana, cuja fundamentação baseia-se no *Percurso Gerativo do Sentido*, que se organiza em três níveis de descrição: NÍVEL DISCURSIVO, NÍVEL NARRATIVO e NÍVEL FUNDAMENTAL. No nível discursivo, o menos abstrato, encontramos os sujeitos, o tempo e o espaço que caracterizam a história. O nível narrativo constitui-se pela relação entre os papéis actanciais de sujeitos e de objetos. Finalmente, no nível fundamental, encontramos uma oposição semântica responsável por abarcar todas as estruturas básicas do texto.

Contudo, antes de propor os desdobramentos dos níveis para a descrição de nosso objeto, é preciso salientar que o episódio⁵ em análise é construído por meio de

⁴ A série foi exibida pelo canal americano ABC entre 23 de outubro de 2011 a 18 de maio de 2018, com sete temporadas completas (22 episódios cada). O episódio em análise é o primeiro da temporada um, em que vemos a apresentação da história e os caminhos que cada personagem tomara, dentre eles, os que empreendemos como actantes (sujeitos) para a nossa proposição analítica.

⁵ Ao longo de nossa análise, trataremos o episódio como texto considerando as categorias de análise da teoria semiótica.

*flashbacks*⁶, que ora trazem os momentos do mundo da fantasia ora os da realidade. Para que nossa leitura fique mais didática, dividimos o texto em dois momentos: a) o *flashback* do mundo da fantasia, ambientado na floresta encantada e com a presença dos atores *Príncipe Encantado*, *Branca de Neve* e *Rainha Má* e; b) o *flashback* do mundo da realidade, narrativa posterior, em um outro tempo – devido à maldição lançada pela Rainha Má – retratado na narrativa como “o nosso mundo” e ambientado na pequena e desconhecida cidade de Storybrooke. Os atores deste último momento são: *Regina* (Rainha Má), Emma (a salvadora) e Henry⁷ (filho de Emma).

Ou seja, a série é construída com base numa releitura dos contos de fadas originais, em que contará a história da personagem Emma Swan, uma detetive particular, solitária e abandonada pelos pais quando recém-nascida. No seu aniversário de 28 anos, sua vida tem uma reviravolta com a chegada de um pequeno garoto de dez anos que, ao bater a sua porta, se identifica como seu filho, Henry, a quem a mesma deu para adoção, há alguns anos, ainda quando bebê. Por não acreditar na história, Emma decide levá-lo de volta para casa em uma pequena, e desconhecida, cidade chamada de Storybrooke. Em tal lugar vive a Rainha Má que há muito tempo, no mundo dos contos de fadas lançou uma maldição levando todos os habitantes da floresta encantada para a cidade, fazendo com que eles esquecessem quem realmente são, em que mundo viveram e começassem uma nova vida, com novas identidades, novas histórias e novas aventuras. Emma, a salvadora, é a única que pode acabar com a terrível maldição, em que todos os personagens esquecem de suas identidades originais, tornando-se outras pessoas num outro mundo, o real. O episódio, assim como os demais, é composto por diferentes *flashbacks* e personagens – Rainha Má, Branca de Neve, Príncipe Encantado, Henry, Emma e vários outros – que começam a ser descritos e narrados, simultaneamente em Storybrooke e na floresta encantada.

Para iniciar nossa análise, partimos de uma materialidade textual que se caracteriza como o plano de expressão. É nesse plano que, por meio da semiótica, buscam-se as marcas para a construção de um plano de conteúdo, responsável por

⁶ Ao longo do episódio, os *flashbacks* – do mundo da fantasia e do mundo da realidade – são alternados, mostrando os diferentes acontecimentos em cada espaço de enunciação. Das histórias contadas no *flashback* da fantasia, encontramos o tempo anterior à história do presente; e, o *flashback* do mundo da realidade, em que os personagens reais confrontam uma maldição e esquecem suas verdadeiras identidades, ou seja, que são personagens icônicos de um outro mundo, o da floresta encantada.

⁷ Emma e Henry, personagens do mundo real, aparecem apenas no segundo *flashback*, da realidade, próximo do encerramento do episódio. Tal inserção dos atores refere-se às consequências promovidas pela realização da maldição no mundo da fantasia e a importância que Emma, enquanto a salvadora, e Henry, o sonhador, têm para a continuação e desenvolvimento dos fatos no mundo real.

mostrar uma significação e a compreensão do sentido. É importante ressaltar que para uma análise semiótica não se procura a verdade, mas descrever o processo da construção de efeitos de sentido de veridicção, isto é, os sentidos descritos estão de acordo com a materialidade linguística observada.

Tomamos o **nível discursivo** para iniciar nossa leitura. Nesse nível do percurso gerativo do sentido, o menos abstrato, serão identificados os sujeitos do enunciado, o tempo e o espaço. Encontramos, assim, o sujeito da enunciação, que contém em si um enunciador e um enunciatário, ambos marcados ideologicamente, pois são construídos em determinados contextos históricos, sociais e culturais. O sujeito no texto é caracterizado por diferentes atores que assumem a enunciação em diferentes momentos da narrativa. Assim, tomando o cenário de desenvolvimento da história, ora o sujeito é assumido pelo Príncipe Encantado ora pela Branca de Neve ou a Rainha Má (no mundo da fantasia) ora o sujeito se configura entre Regina, Emma e Henry (no mundo real). Os sujeitos produzem seus enunciados carregados de efeitos de sentido de verdade absoluta, promovendo, assim, sua persuasão sobre o(s) enunciatário(s). Este(s), por sua vez, é (são) caracterizado(s) como aquele(s) a quem se destina(m) essa verdade, sofrendo influências em suas atitudes, aceitando a persuasão do enunciador.

Podemos observar essa(s) relação(ões) nas seguintes passagens:

1º *flashback*: o mundo da fantasia, a floresta encantada⁸

- 1) “Deixe-me dizer adeus” (Príncipe Encantado)
- 2) “Você me encontrou” (Branca de Neve ao despertar)
- 3) “Eu sempre te encontrarei” (Príncipe Encantado)

⁸ A cena é marcada pela busca do Príncipe Encantado pela sua donzela, Branca de Neve. Em meio a floresta, *Charming* – também chamado assim – corre em seu cavalo numa tentativa de encontrar sua amada viva, todavia, sem sucesso, pois estava sob o efeito do feitiço lançado pela Rainha Má, a mordida de Branca de Neve na maçã envenenada (figuras 1 e 2). O encontro do casal acontece, finalmente, após o beijo dado pelo Príncipe, do amor verdadeiro (figura 3).

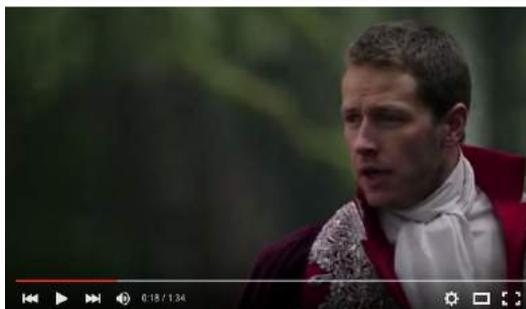
Figura 1⁹

Figura 2



Figura 3

Neste mesmo ambiente, em uma segunda cena do mesmo *flashback* (figura 4), encontramos a Rainha Má, invadindo o casamento de Branca de Neve e seu Príncipe (figura 5), realizado logo após o seu despertar no reino encantado (figura 3). Vemos as seguintes instâncias de enunciação promovidas por diferentes atores (figuras 4 e 5):

- 4) “Vim aqui para lhe dar um presente” (Rainha Má)
- 5) “Não queremos nada de você” (Branca de Neve)
- 6) “Dos sofrimentos virá minha vitória, irei destruir sua felicidade” (Rainha Má)



Figura 4



Figura 5

⁹ As figuras foram obtidas do episódio em análise por meio do recurso *print screen* para Macintosh (command + shift + 4).

2º *flashback*: o mundo real, “o nosso mundo”¹⁰

É o momento da narrativa em que a história se desenvolve efetivamente, no tempo presente, em que os *flashbacks* da floresta encantada, do mundo da fantasia, voltam como consequências das ações promovidas pela Rainha Má (agora, Regina) e os sacrifícios sofridos pelos outros personagens. Trata-se, pois, “do nosso mundo”, em que afetados pela maldição da Rainha, os atores passam a viver na desconhecida cidade de Storybrooke. A relação de enunciação, nesse momento, se dá entre Regina, Emma e Henry.

Figura 6:

- 7) “Venha para casa comigo”¹¹ (Henry se referindo à cidade de Storybrooke)
- 8) “Onde é sua casa?” (Emma)
- 9) “Storybrooke” (Henry)

Figura 7:

- 10) “Sugiro que entre no seu carro e saia da cidade, agora. Por que senão for, te destruirei, nem que seja a última coisa que eu faça” (Regina)



Figura 6



Figura 7

Diante de tais fatos, ainda no nível discursivo, temos caracterizados os sujeitos, o espaço e o tempo. Essa caracterização, de acordo com a teoria semiótica, ocorre por

¹⁰ Neste momento da narrativa, contamos com a presença dos personagens Emma, Henry e Regina, já na segunda e última parte do episódio, após a maldição lançada no mundo da fantasia pela Rainha Má. Trata-se de uma segunda história, consequências do feitiço lançado há muitos anos na floresta encantada.

¹¹ Henry busca Emma, a salvadora, na cidade do Brooklyn (EUA), onde ela, aos 28 anos de idade, trabalha como detetive particular.

meio dos processos de **actorialização, espacialização e temporalização**. Como atores do texto, temos: *Príncipe Encantado*, *Branca de Neve*, *Rainha Má/Regina*, *Emma* e *Henry*, todos assumem uma importância na história. Como espaço, descrevemos dois ambientes – marcados pelos diferentes *flashbacks* – um pertencente à fantasia e o outro ao mundo real e; por último, temos o tempo da ação, que ocorre em um presente da enunciação.

Nota-se, ao longo da narrativa, pequenos traços isotópicos dos atores diante das diferentes instâncias de enunciação. Quando temos a floresta encantada como espaço de enunciação, vemos diferentes tipos de vestimentas entre os actantes, cavalos sendo usados como transportes e a realeza tratada como tema central. Quando estamos sob o mundo real, a história traz pequenos traços da realidade, tais como barulho de carros e roupas casuais, por exemplo. Desse modo, apesar de o texto ser predominantemente figurativo, ainda vemos constantemente certos temas serem tratados, tais como: o casamento entre um príncipe e uma princesa, a nobreza, o poder (que a Rainha exerce sobre o mundo da fantasia), a coragem (do Príncipe em salvar a princesa), a fragilidade (da Branca de Neve inconsciente pela mordida na maçã envenenada) e a coragem (exercida tanto pelo Príncipe – primeiro *flashback* – quanto por Emma, sua filha – no segundo *flashback* – na tentativa de salvar todos sobre a influência da Rainha Má/Regina). Regina é, durante todo o texto, vista como o anti-sujeito, um anti-herói.

Desse modo, como os sujeitos estão caracterizados no presente da enunciação, podemos dizer que há uma debreagem enunciativa que projeta um *eu-aqui-agora*, que se alterna conforme o *flashback* da narrativa: o da fantasia e do real. O discurso produzido pelo texto é todo em primeira pessoa, alternando as instâncias de enunciação ora entre o Príncipe Encantado, Branca de Neve e Rainha Má (no primeiro *flashback*) ora entre Emma, Henry e Regina (no segundo *flashback*).

A relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto é marcada no **nível narrativo**. Assim, o sujeito se caracteriza dentro de papéis actanciais, distribuindo valores que adquire ao longo do texto. O nível narrativo de nossa leitura se desenvolverá sobre duas perspectivas, a primeira tendo o primeiro *flashback*, responsável pela composição do primeiro *programa narrativo* (PN-1) – estabelecida por meio de duas relações de junções dos sujeitos com objetos – composto pela instância de enunciação do mundo fantástico e; na segunda, temos o *flashback* do mundo real, compondo o segundo *programa narrativo* (PN-2) – também com duas relações de

junções entre sujeito e objeto. Descreveremos todas as características desses PNs com as relações de junções considerando os diferentes momentos de nosso texto de análise.

Tomando o primeiro programa narrativo, o PN-1, podemos notar duas relações de junções¹² entre os sujeitos e os objetos. Primeiramente, encontramos a branca de neve e o príncipe encantado em um estado inicial de apatia, ou seja, em busca de retomar sua felicidade e, com isso, alcançar seu final feliz – seu objeto valor –, o príncipe, metonimicamente representado pela coragem, vai tentar encontrar e reviver seu amor, inconsciente, branca de neve. Esta, na forma como é apresentada logo no início do episódio, é figurativizada por meio da fragilidade, da bondade omissa por ter mordido a maçã envenenada e ter adormecido para sempre.

No programa narrativo, segundo os fundamentos da teoria semiótica, encontramos quatro fases necessárias para o desenvolvimento das ações. Na primeira fase temos a **manipulação**, momento em que o **manipulador** exerce uma ação sobre o sujeito **manipulado**, a partir dos objetos modais que se caracterizam como o *querer* e o *dever*. Durante o primeiro *flashback*, o príncipe é manipulado pela coragem, sem medo, ele vai de encontro com a sua amada a fim de restaurar a sua felicidade, destruída pela Rainha Má¹³ (figuras 1 e 2). Nesse momento, o Príncipe quer encontrar a Branca de Neve e, deve buscá-la, pois só assim o final feliz almejado será alcançado.

Ao conseguir êxito no despertar da princesa – e, com isso, entrarem numa relação de conjunção – ambos partem felizes rumo ao reino da floresta encantada para a realização do então sonhado casamento (concretização do final feliz). Todavia, em um estado final, representado pela segunda relação de junção entre o sujeito e o objeto, encontramos o casal na sua cerimônia de casamento quando a Rainha Má, impulsionada por um ânimo e poder, surge e rompe com o momento de conjunção entre os sujeitos Branca de Neve e Príncipe Encantado com o final feliz, seu objeto valor (figura 4 e 5). A partir desse momento, o objeto valor dos sujeitos representado pela felicidade e junção com a construção de um reino justo aos seus cidadãos é desestruturado pela figura do poder e inveja da Rainha (Figura 4).

¹² As relações de junções na teoria semiótica são compostas por dois tipos de enunciados: os *enunciados de estado* e os de *fazer*. Juntos, compõem os diferentes momentos das relações entre o sujeito da narrativa (que pode ou não mudar) com o seu objeto.

¹³ O final feliz é impedido pela Rainha em um outro momento da história, quando Branca de Neve morde uma maçã envenenada. Na série, tal cena será retomada em um outro episódio da mesma temporada de exibição. O *flashback* em questão já traz a donzela desacordada dentro de uma caixa de vidro, aguardando a vinda do Príncipe.

Na fase da **competência**, observamos os objetos modais, caracterizados pelo *poder* e pelo *saber*. Por ela querer acabar com a felicidade, a Rainha má sabe e pode realizar tal ato. Ao fazê-lo, cumpre sua promessa de destruição a partir da promoção de uma maldição no reino – objeto modal – capaz de transportar todos os cidadãos, inclusive Branca de Neve e Príncipe Encantado, para outro mundo, o da realidade. É, pois, na terceira fase, da **performance**, que o clímax da narratividade acontece. Nesse momento é que visualizamos o acontecer dos fatos e as mudanças nos quais são necessários para o desenvolvimento da história. O objeto modal – aqui trazido pela figura da maldição e o fazer da Rainha tirando todos da floresta encantada – tem como objetivo acabar com o final feliz até então instaurado pela família encantada. Não podemos, com isso, deixar de considerar o casamento também como um objeto modal, pois ele é um dos meios para que o reino se reerga e seja visto, por sua vez, como o caminho para a tão sonhada felicidade – o que não se concretiza.

Se pensarmos tais relações do PN conforme a semiótica francesa, poderíamos notar que, durante essa primeira passagem na história, há a mudança de uma dimensão pragmática para a dimensão cognitiva, isto é, pode-se tratar da passagem do que é estável nos contos de fadas, por exemplo, para algo que de repente muda, sofre um deslocamento, e a felicidade da Rainha é alcançada. Dá-se, com isso, a **sansão**, organizada pela distribuição dos prêmios e dos castigos: a Rainha Má tem o prêmio da separação do casal real e a mudança para o mundo da realidade acontece de fato.

Em suma, poderíamos pensar na seguinte relação desse PN-1:

Estado inicial → Príncipe Encantado e Branca de Neve estão em conjunção com a apatia (a coragem – representação do príncipe – buscando encontrar a bondade e acabar com a sua fragilidade – representada por Branca de Neve);

Príncipe Encantado e Branca de Neve entram em disjunção com essa apatia;

Diante dessas duas relações de junções entre os sujeitos – ora Príncipe e Branca de Neve ora Rainha Má – podemos dizer que ambos são vistos no nível narrativo como figuras que representam e adquirem certos papéis actanciais que desempenham ao longo da narrativa. Nesse sentido, o Príncipe Encantado, em sua busca incessante por Branca de Neve, é movido, a nosso ver, pela coragem. Por ser ele o próximo a suceder o trono real, cabe a ele salvar sua amada, representada pela bondade e a fragilidade. A Rainha

Má é figurativizada pelo poder, movida pela inveja, pois é a única que consegue acabar com o final feliz do casal nobre, no desfecho desse primeiro *flashback* da fantasia; a sansão se dá pela felicidade obtida da Rainha com a separação do casal encantado. A promoção da maldição acabará, pelo menos por enquanto, com a felicidade e a cumplicidade estabelecida entre eles.

Partimos, neste momento, para nosso segundo *flashback*, marcado pela instância de enunciação promovida pelo sujeitos e objetos no mundo da realidade. Nessa fase da narrativa, quem assume a figura de sujeito da ação são: Emma, Henry e Regina (Rainha Má), busca-se, pois, o desejo de voltar-se às histórias dos contos de fadas e à vida desenvolvida na floresta encantada – representado pelo final feliz, como objeto valor. Nesse caminho, também é preciso destacar duas relações de junções estabelecidas entre os sujeitos e objetos estabelecidas durante o segundo *flashback*. Primeiramente, temos a Rainha Má – agora, no mundo real, Regina – em conjunção com o seu final feliz, ou seja, ela soube e teve o poder de destruir o casamento e a felicidade dos encantados. Podemos dizer que Regina quis e soube fazer um feitiço que acabasse com a felicidade do reino a seu favor, deteve o poder e conseguiu suprimir – por meio do seu fazer – a bondade e a coragem exercida, inicialmente, por Branca e Encantado. Dizemos, pois, que ela foi manipulada pela inveja.

Como sansão, a Rainha foi capaz de criar uma cidade em que pudesse governar, continuar a exercer seu poder sobre os cidadãos trazidos pela maldição, na condição de estarem sem memória dos últimos acontecimentos. Foi assim que ela se tornou prefeita de Storybrooke. O *objeto modal*, que é responsável por definir os meios que levam o sujeito a obter seu objeto de valor, pode ser figurativizado pelo feitiço que foi usado para que ela conseguisse tal mudança para o nosso mundo. Essa nova fase da narrativa caracteriza-se como o *programa narrativo 2* (PN-2) que investe em novos acontecimentos que desestabilizam Regina diante da presença da salvadora (Emma Swan).

Henry, com o objetivo de quebrar a maldição imposta por Regina, segue sua busca atrás de Emma, a salvadora, tentando restaurar os finais felizes do mundo da fantasia e todas as lembranças dos cidadãos da desconhecida cidade. Até o aparecimento de Emma, o tempo estava parado exatamente às 08 horas e quinze minutos. Descrevemos, pois, essa nova relação de junção promovida por novos sujeitos da enunciação em relação ao seu objeto. Henry, o sonhador, e Emma, a salvadora,

assumem o papel de sujeitos da narrativa e o objeto, neste momento, é o final feliz, figurativizado pelo retorno do mundo da fantasia e a quebra da maldição.

O papel actancial que caracteriza o momento do sujeito Henry, por exemplo, é o do instinto sonhador, que o leva a agir como um “caçador”. Para justificar tal afirmação, ele foge de casa em busca da salvação, representada pela figura de Emma. Henry, como o *manipulador*, quer e deve buscar sua mãe para que a maldade de Regina seja desfeita e toda a população da cidade possa retornar à floresta encantada. Por tal ímpeto de sonho e esperança, ele pode e sabe como acabar com o império instituído pela então prefeita¹⁴ Regina. Isso acontece devido ao desejo de conhecer sua mãe biológica, que representa o objeto modal, por meio do qual segue uma jornada até a cidade do Brooklyn para encontrá-la. Ao realizar a ação, Emma e Henry voltam a Storybrooke, o prêmio desse fato é a quebra do tempo, antes sempre parado por causa do feitiço. Volta-se, por sua vez, a pensar na esperança de um final feliz, sem a influência da Rainha Má. A salvadora e o sonhador – enquanto sujeitos – serão os responsáveis por abrir uma possibilidade no caminho da esperança – objeto valor – e, com isso, acabar com o “reinado” da prefeita má. Podemos dizer que o tempo, ao voltar a correr na cidade, torna-se concreto a partir do momento em que Emma decide fixar-se no local. A partir de sua escolha, grandes acontecimentos estão reservados e serão explorados nos episódios seguintes da série. Podemos sintetizar tal programa narrativo 2 da seguinte forma:

Estado inicial → Regina está em conjunção com o poder instaurado na cidade de Storybrooke (a inveja e seu poder proporcionou o fim do mundo da fantasia);

Regina entra em disjunção com o poder quando Emma decide fixar-se na cidade (ela representa a salvação do mundo da fantasia e o retorno dos finais felizes);

Estado final → Emma entra em conjunção com o seu objeto valor: acabar com o poder de Regina e, com isso, instaurar uma nova esperança aos contos de fadas e os

Com o desenvolvimento desses diferentes programas narrativos, podemos partir para o **nível fundamental**, em que inferimos a oposição semântica *NATUREZA versus*

¹⁴ No mundo da realidade, Regina é a prefeita da cidade de Storybrooke.

CULTURA. Nesse nível de análise é preciso observar a circunscrição da categoria semântica principal responsável pela organização do texto. A partir disso, podemos observar que a coragem, a bondade e a fragilidade; a salvação, o sonhador e o poder – representados por Príncipe Encantado, Branca de Neve, Emma, Henry e Regina – se caracterizam pelo momento da natureza dos atores. De certo modo, essas diferentes figurativizações têm como objetivo instaurar uma certa identidade aos “mocinhos” e “vilões”, muito difundida e conhecida na maioria dos contos de fadas.

Ao longo do texto vemos uma constante contraposição entre o que é natural – figurativizado pelo mundo real – e cultural – mundo da fantasia. Construimos, com isso, relações simbólicas entre as ações dos atores em relação a seus objetos, determinados culturalmente. Vemos, durante o texto, o desejo do dever fazer dos atores marcando uma cultura literária. Em relação à natureza, o querer ser refere-se muito aos instintos humanos que refletem as mudanças que eles podem sofrer. Se voltarmos-nos, por exemplo, à figura de Regina ao final do texto, vemos um desejo ardente pela busca de sua felicidade, representada pela destruição dos casal encantado, novamente, entretanto, esse sentimento natural, marcado pela inveja, se transformará em redenção¹⁵.

Considerações finais

Ressaltamos que nossa leitura faz parte de uma primeira observação ao material coletado considerando as reflexões teóricas empreendidas pela semiótica francesa, sob a ótica do percurso gerativo do sentido promovido por Greimas. O exercício proposto foi com o objetivo de testar a heurística em uma materialidade sincrética por meio do recurso descritivo e interpretativo. Não queremos, com isso, esgotar as discussões em torno desse objeto, nem construir uma única verdade analítica, pelo contrário, terminamos nossa análise na esperança de ela poder instigar e provocar novos “burburinhos” teóricos, abrir sendas e veredas de novas possíveis releituras a partir do olhar semiótico a partir de outras materialidades (verbo-visuais, sincréticas, por exemplo. Fica aqui o nosso convite!

Referências bibliográficas

¹⁵ Ao longo dos outros episódios da série, a inveja que a Rainha tem dos encantados dá lugar ao sentimento de redenção, pois, juntamente com o casal, se dedicará no combate a outros perigos que a cidade de Storybrooke enfrentará.

BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2009.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. São Paulo: Discurso Editorial; Humanitas/FFLCH, 2001.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 2008.

“PILOT.” **Once upon a time**. Canadá: ABC Studios, 23 de out. 2011. Television.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

Problemas da (po)ética de Bakhtin: por uma teoria de sujeito insuficiente

Fernando Ribas Camargo¹⁶

Jacob dos Santos Biziak¹⁷

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo apontar alguns caminhos possíveis para estabelecer um diálogo entre as obras do Círculo de Bakhtin e da Psicanálise de Freud e de Lacan, a fim de construir uma teoria sobre sujeito que considere o modelo dialógico de leitura e o inconsciente. Desse modo, também objetivamos colaborar com a discussão sobre a suposta rivalidade histórica entre essas diferentes epistemologias. Para isso, será feita uma análise bibliográfica das contribuições a respeito da subjetividade produzidas por Bakhtin e Vološinov, bem como de suas relações com outras áreas do conhecimento, como a linguística saussuriana e a psicanálise.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Linguística. Psicanálise.

Abstract

This research aims to point out some possible ways to establish a dialogue between the works of Bakhtin Circle and the Psychoanalysis of Freud and Lacan in order to construct a theory about the subject that considers the dialogic model of reading and the unconscious. In this way, we also aim to collaborate with the discussion about the alleged historical rivalry between these different epistemologies. For this, we will make a bibliographical analysis of the contributions about subjectivity produced by Bakhtin and Vološinov, as well as their relations with other areas of knowledge, such as Saussurian linguistics and psychoanalysis.

Keywords: Bakhtin Circle. Linguistic. Psychoanalysis.

¹⁶ Instituto Federal do Paraná – IFPR – Campus Palmas, Palmas, Paraná, Brasil; fer-camargo2011@hotmail.com.

¹⁷ Instituto Federal do Paraná – IFPR – Campus Palmas, Palmas, Paraná, Brasil; orcid.org/0000-0001-9495-5171; jacob.biziak@ifpr.edu.br.

Introdução

Ao longo de toda a história da leitura e recepção do *Círculo de Bakhtin*, tanto na Europa quanto aqui no Brasil, as obras produzidas pelos intelectuais que compuseram esse grupo receberam todas a mesma denominação: obras de Bakhtin. Ao nosso ver, a unificação autoral pode parecer interessante no momento de criar uma *episteme* sobre as diversas teorias de que esses autores trataram. É uma maneira didática de apresentar esse modo ainda novo de pensamento na história da filosofia da linguagem, geralmente marcado como modelo dialógico de interpretação. No entanto, ao se proporem estudos mais específicos sobre a subjetividade, que é o que pretendemos elaborar neste e em outros trabalhos, torna-se pernicioso manter essa alcunha. Nesse sentido, sempre que alguém diz que “Bakhtin pensa assim” ou “para Bakhtin, as coisas são desse modo”, somos logo convocados a inserir todos esses autores *no mesmo saco* – como diríamos em uma linguagem mais coloquial –, ou seja, em favor de uma unidade, somos levados a desconsiderar que existem diferenças entre eles. Apesar de terem escrito as teorias em conversas de grupo, todos os nomes são apagados em função de um nome maior: Bakhtin. Com isso, até mesmo o termo diálogo se torna contraditório: se as produções eram dialógicas, graças a essa lógica universalista, acabamos conhecendo apenas um lado da história, somente um ponto de vista. E, dessa forma, falando em diálogo, acabamos alimentando um monólogo.

Portanto, concordamos com Sériot (2015) em relação à questão polêmica sobre a autoria das obras. Para ele, Bakhtin e Volóchinov não eram o mesmo autor. Em seu prefácio, Sériot reitera, principalmente, que eles não eram a mesma pessoa física. Contudo, nós não intentamos explorar essa possibilidade, não apenas por falta de suporte teórico sobre as diferenças biográficas, nem pela questão de não poder ler os manuscritos, por assim dizer, *originais*, publicados em russo; mas porque essa diferença, aqui, não nos parece emergencial. O que nos interessa é que cada obra, ainda que todas fossem produzidas pela mesma pessoa física, é fruto de um autor-criador em específico, pois a pessoa física sofre transformações ao longo de sua trajetória na história e na sociedade em que vive, dando à luz autores diferentes, em cada momento de sua vida. Desse modo, dizer que elas advêm do mesmo autor é ignorar as diferenças de estilo, de tema – os sentidos explorados em cada produção – e, principalmente, a arquitetônica das obras – ou seja, as estratégias usadas para buscar o convencimento.

Como veremos, os autores não lidam com os problemas que vão surgindo de maneira absolutamente igual. Para os propósitos deste trabalho, nossa hipótese inicial é que *O freudismo* (BAKHTIN, 2017b), *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017), *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2015) e *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (BAKHTIN, 2017a) tratam de posicionamentos que não chegam a ser diametralmente opostos, mas diferentes em relação ao que é sujeito e ao modo como a linguagem funciona a partir dele – e vice-versa. Entretanto, a princípio, convenhamos que são marcados por momentos que, neste trabalho, entendemos como evolutivos nos diálogos construídos durante as reuniões do Círculo, principalmente.¹⁸

Depois de verificar a possibilidade de uma diferença teórica entre essas obras – talvez, mesmo, evolutiva –, nosso próximo passo será buscar um caminho mais justo a respeito da teoria do sujeito, na filosofia da linguagem, não no sentido de reduzir ou delimitar, mas de ser ético, polifônico, de respeitar as diversas vozes dessa interlocução. Para isso, faremos, em outros momentos (AUTOR, 2018), uma releitura do viés psicanalítico de interpretação do sujeito, agora, também recorrendo principalmente a Lacan, com o intuito de reavaliar a grande rivalidade entre o Círculo e a Psicanálise, implantada, justamente, devido ao que chamaremos de *tradição monológica de leitura do Círculo* (a ser explicitada neste trabalho).

Para fazer essas teorias dialogarem melhor, utilizaremos a obra literária *Níetotchka Niezvânova* (2009), de Dostoiévski, como corpus de análise. A escolha justifica-se porque, nesse livro, Dostoiévski permite que o eu das personagens seja visto a partir de suas relações – interlocuções – em níveis imediatos (conversa presencial) e em planos mais distantes – os diálogos com o passado –, o que nos permitirá explorar mais detalhadamente cada um dos caminhos metodológicos que os autores propuseram. Para isso, haverá, ainda, a possibilidade de nos embasarmos na própria análise que Bakhtin fez da produção dostoiévskiana, para, em seguida, podermos ampliar nosso horizonte de leitura sobre Dostoiévski, recorrendo, por exemplo, à psicanálise lacaniana.

1. Nossa pesquisa é política

¹⁸ Por se tratar de uma pesquisa inicial sobre as diferenças teóricas dentro do Círculo de Bakhtin, optamos por não averiguar todas as obras de uma vez só. Assim, uma pessoa mais experiente no assunto poderá sentir falta de obras como *Os gêneros do discurso* ou *Estética da criação verbal*, que, em um trabalho mais extenso, poderiam ser, também, contempladas.

O sentido de política que pensamos para este início de empreitada teórica é como um exercício de intervenção nos estudos atuais sobre linguagens e subjetividade. Não falamos de *política partidária*, como no senso comum. Política é toda forma de participação em uma dada realidade histórico-social, seja para reforçar, rejeitar ou questionar um ponto de vista, um posicionamento. Nesse sentido, toda fala é política, porque busca alcançar algum objetivo, na cena em que é enunciada, mas nem todos os sujeitos que falam assim a percebem. Como chegamos ao âmbito científico, com essa pesquisa, sabendo de nossa condição de falantes, deixamos claro que nos percebemos fazendo política, apesar de estarmos à mercê de nos enganarmos em um ou outro momento, ao longo deste trabalho. Queremos, acima de tudo, propor uma reflexão mais aberta sobre Bakhtin e as outras áreas de estudo de linguagens, mais especificamente, a psicanálise. O que nos permitiria fazer um exercício de leitura diferenciado, mais democrático¹⁹, do sujeito, seja na literatura – no mundo artístico – ou fora dela, como na clínica, atendendo pacientes. A partir disso, o questionamento que nos motiva a começar é: como duas áreas, aparentemente, tão distantes e, até mesmo, em um certo ponto, rivais, poderiam caminhar juntas? Seriam elas tão distantes assim?

Para sanar tais dúvidas, antes, precisamos entender como se chegou a esse estado de rivalidade. Portanto, aqui, buscaremos compreender algumas questões espinhosas dessa problemática, não nos esquecendo, ainda, de apontar como cada um dos nossos autores procurou lidar com elas.

2. A filosofia da linguagem e o lugar do círculo de Bakhtin

Quando nos propomos a estudar o funcionamento da linguagem, querendo ou não, esbarramo-nos com perguntas assim: a linguagem é algo da nossa mente, ou da sociedade em que vivemos? Seria ela a responsável por nos mostrar a verdade sobre o mundo, ou o que ela nos mostra são apenas pontos de vista, por assim dizer, distorcidos da realidade? Historicamente, essas indagações têm sido um problema, pois é graças a conclusões tiradas a partir delas que a ciência e a filosofia operam. No entanto, como

¹⁹ Se o uso que fazemos da linguagem é um recurso político, a democracia, por sua vez, se torna um olhar respeitoso que lançamos à linguagem do outro, permitindo que ele também possa atuar ativamente nessa realidade. Em outras palavras, falaremos do Círculo de Bakhtin, que tentava entender o sujeito como uma instância consciente; no entanto, não deixaremos de lado a existência do inconsciente, como consideraram Freud e Lacan.

afirma a pesquisadora Helena Martins, em seu texto "Três caminhos na filosofia da linguagem" (2014), a cultura ocidental – essa que dizemos ser um desdobramento da cultura grega – recebeu uma herança injusta dos três filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles. Trata-se de uma visão negativa que eles tinham sobre uma das formas de responder essas questões pontuadas logo acima, que é o ponto de vista social e não essencialista da linguagem, chamado, também, de visão *pragmática* das coisas.

Em seu texto, Martins situa três correntes de pensamento nos estudos da linguagem: a pragmática, o modelo mentalista e o modelo realista. A partir disso, ela tenta encaixá-los com o pensamento dos filósofos antigos, mostrando como essas visões eram articuladas por eles.

Em suma, a autora diz que Sócrates e Platão, adeptos da corrente realista, acreditavam que as coisas existem antes mesmo de haver uma linguagem para falar delas, e que, portanto, a linguagem seria uma cópia exata (porém parcial) da realidade. Realidade e linguagem, então, seriam duas coisas separadas. Por outro lado, afirmando que a linguagem, presente nas práticas sociais, é que produz ou cria a realidade, e que nada subsiste a ela – à linguagem –, havia os filósofos sofistas, que eram os pragmáticos. Relutantes à ideia de essência, eles estariam na contramão dos filósofos realistas: a realidade é um efeito de linguagem. Certamente, Sócrates e Platão reagiram a essa última abordagem. Além deles, ela também foi refutada por Aristóteles, que não acreditava na ideia de a sociedade manipular o pensamento das pessoas. Para ele, é a mente que, desde que nascemos, nos fornece os significados e sentidos das coisas – apesar de ele ter acreditado que todo mundo enxerga as coisas da mesma forma.

Em desvantagem, os perdedores dessa disputa teórica foram os sofistas. Desde então, como aponta a autora, o caráter social da linguagem (e da realidade) veio sendo desprezado pelos estudiosos. De pragmatismo, essa abordagem passou a ser chamada, pejorativamente, de relativismo.

De certa forma, usando outros termos, essas abordagens também foram comentadas por Volóchinov (2017). Porém, suas críticas são voltadas, principalmente, aos filólogos: aqueles que, desde muito tempo, se propuseram a estudar as línguas, como no caso dos Vedas (por volta de 1500 a. C.). Segundo ele, além da visão pragmática, a visão mentalista também foi desprezada por muito tempo pela cultura ocidental. O que importava para os estudos ocidentais era apenas o caráter formal das línguas, nunca o seu uso prático, nem as mudanças que elas sofrem com o tempo. Foi

somente no Romantismo que começaram a ressurgir estudos de análise mentalista. Incentivados pelas longas reflexões individuais – os solilóquios – das personagens da tradição literária romântica, os primeiros estudos modernos que contemplavam uma visão interior do ser humano começaram a aparecer na ciência da linguagem. Esses estudos deram origem ao que Volóchinov chamou de psicologia.

A psicologia de que o autor fala, entretanto, não é a mesma que conhecemos hoje em dia. Os psicólogos do Romantismo estavam mais para críticos literários, eles se debruçavam sobre a literatura e se dedicavam a estudar as obras, sempre procurando a relação das narrativas com a mente do autor, com sua vivência individual, sua biografia e assim por diante. Foi somente depois de muitos anos que esses estudos foram implantados nas clínicas para o tratamento de pessoas; e muitos críticos literários foram se transformando, aos poucos, em médicos psicólogos, ancorados nessa psicologia e na medicina.

Pouco mais tarde, no início do século XX, o descontentamento com a manipulação das massas e a explosão das lutas sociais, principalmente na Rússia, causaram a necessidade de se produzir teorias sociológicas que fundamentassem essas lutas. Eis que as obras de Karl Marx conseguem ganhar maior visibilidade na Rússia e, então, surgem diversas leituras e estudos a partir de seu trabalho. Tratam-se de abordagens *marxistas*.²⁰ É lendo e interpretando essa vertente social que o Círculo de Bakhtin foi fundado. Segundo Fernandes (2018), “nos anos vinte, o partido comunista solicitou à intelectualidade soviética que se mobilizasse em torno da luta de classes, com o intuito de unificar a teoria marxista e formar novas gerações dentro do espírito do materialismo militante”. Quando Volóchinov escreveu *O freudismo*, portanto, era provavelmente a esse chamado que ele estava respondendo. Na época, a psicanálise também era, ainda, um campo emergente, mas que conquistou rapidamente a confiança de pesquisadores de várias partes da Europa. Por ser entendida por muitos como uma vertente da psicologia e da medicina, a psicanálise foi tida como uma teoria burguesa, e precisava, então, ser duramente combatida, assim como todos os métodos de estudo que não priorizavam as lutas de classe. O caminho estava novamente propício para que o pragmatismo se fortalecesse.

²⁰ Esse nome, inclusive, é trazido no título do livro de Volóchinov: *Marxismo e filosofia da linguagem*, embora tenha sido deixado no singular, o que acaba por sugerir a existência de uma leitura única das obras de Karl Marx. Respondendo criticamente a isso, Sériot (2015) faz uma troca, em seu prefácio a essa obra. De *marxismo*, o título passa a ser *Vološinov e a filosofia da linguagem*, trazendo à luz o fato de a obra não ser uma leitura universal de Marx, mas posicionada e especificamente situada.

Esse posicionamento hostil em relação às tendências não marxistas criou, no Círculo, um dispositivo diferenciado de leitura do ser humano. Ele e sua linguagem passaram a ser considerados um produto do meio em que se vive, bem como representantes das diversas lutas de classe na sociedade. Mas há um certo cuidado que devemos tomar em relação a isso. É o que veremos a seguir.

3. Linguística e psicanálise: vilãs do círculo?

Anteriormente, afirmamos que a postura a ser tomada contra as outras tendências da filosofia da linguagem, por parte de muitos estudiosos marxistas, era de combatê-las duramente. De fato, isso foi bastante forte no início do século passado. No entanto, nem todas as obras do Círculo de Bakhtin adotaram essa medida de repressão. É aqui que encontramos a primeira diferença entre os autores.

De modo análogo, a relação do Círculo com a linguística também chama a atenção. Se desejássemos realizar uma análise do nosso corpus, *Niétotchka Niezvânova* (DOSTOIÉVSKI, 2017), baseando-nos em Bakhtin – entendendo-o de uma perspectiva ampla, aquela que denunciemos no início deste trabalho –, seria prudente que nos apoiássemos, também, na linguística para interpretá-la, isto é, que recorrêssemos ao campo de estudo inaugurado pelos Vedas e sistematizada por Saussure? A resposta é duvidosa: diríamos, a princípio, que não, caso lêssemos *Marxismo e filosofia da linguagem*; e diríamos que sim, de acordo com as *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*.

Em *MFL*²¹, encontramos um rompimento com os estudos linguísticos da época, que o autor denominou *objetivismo abstrato*. Para ele,

a realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (VOLÓCHINOV, 2017, p. 218-19).

Vemos que Volóchinov interpretou e explicou a teoria de Saussure como um mecanismo desligado de qualquer sujeito ou meio social (uma teoria *objetiva* e

²¹ Por precisarmos recorrer às obras diversas vezes, seguindo alguns modelos utilizados pelos tradutores, optamos por abreviá-las da seguinte forma: *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017) como “MFL”, *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2015) como “PPD” e as *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (BAKHTIN, 2017a) simplesmente como “Notas”.

abstracta); depois, tentou se afastar dessa linguística entendida por ele para erguer sua teoria fundamentada no caráter social do enunciado, anulando a possibilidade de estudos em morfologia e em fonética, por exemplo. Sobre isso, Sériot é categórico:

Volóchinov move sua acusação contra Saussure porque não vê que ambos se encontram em terrenos de tal modo diferentes que não têm chance alguma de se encontrarem. Se ele não consegue “falsificar” Saussure, é simplesmente porque não falam da mesma coisa: os objetos de ambos são incomensuráveis. Mas em lugar de admitir que existem maneiras diversas de se ocupar da linguagem, ou que um objeto de conhecimento deve primeiramente ser definido no interior de um quadro teórico determinado, Vološinov se apoia em sua busca da *essência real* da linguagem para reivindicá-la como único e exclusivo método de investigação. Repreender os formalistas por só se interessarem pelas formas é um despropósito: alguém repreende um padeiro por não vender peixe? (SÉRIOT, 2015, p. 112, grifos do autor)

Apesar de concordarmos com as críticas de Sériot, que reforçam nosso ponto de vista sobre *MFL*, temos de ser justos em esclarecer que Volóchinov não descarta *totalmente* qualquer possibilidade de estudo linguístico. Como ciência, ele acreditava que ela deveria se voltar ao estudo das formas sintáticas. Ao final do livro, inclusive, ele expõe uma possibilidade de abordagem dos tipos de discurso ancorados na sintaxe. O que podemos afirmar, portanto, é que há um descarte, sim, das teorias linguísticas que ele abordou em seu livro, mas que não significa que a ciência das formas linguísticas esteja completamente fadada ao fracasso. Ainda assim, aqui nos pesam, uma outra vez, as palavras de Sériot, que também questionou o fato de ele ter ignorado, em suas explicações sobre essa ciência, linguistas como M. Bréal, que se dedicou a promover “uma abordagem ao mesmo tempo social e semântica da linguagem” (SÉRIOT, 2015, p. 109). A esse fechamento autoritário por parte de Volóchinov chamaremos *tradição monológica de leitura*, o que encontraremos novamente em outras publicações do Círculo, como em *O freudismo* (BAKHTIN, 2017b), que abordaremos mais detalhadamente em outro momento.

Diferentemente da postura do autor de *MFL*, nas *Notas*, conseguimos perceber uma disposição maior ao diálogo entre modelos distintos de pensamento:

A delimitação benevolente e depois a cooperação. Em vez de descobrir a veracidade (positiva) relativa (parcial) das suas teses e do seu ponto de vista, os indivíduos procuram – e com isso perdem todas as suas forças – refutar e destruir inteiramente o seu adversário, tendem para a destruição total do ponto de vista do outro.
[...]

Nenhuma corrente científica (nem charlatona) é total, e nenhuma corrente se manteve em sua forma original e imutável. Não houve uma única época na ciência em que tenha *existido* apenas uma única corrente (embora quase sempre tenha existido uma corrente dominante). Não se pode nem falar de *ecletismo*: a *fusão* de todas as correntes em uma única seria mortal para a ciência (se a ciência fosse mortal). Quanto mais delimitação, melhor, desde que sejam delimitações benevolentes. Sem brigas na linha de delimitação. Cooperação. Existência de zonas fronteiriças (nestas costuma surgir novas correntes e disciplinas). (BAKHTIN, 2017, p. 27-28, grifos do autor)

Com essa passagem, datada de 1970-71, mais de 40 anos após *MFL*, podemos notar que não há consonância entre as duas obras. Bakhtin, aqui, parece muito mais próximo ao Bakhtin de *PPD*, este que analisou cuidadosamente a poética dostoiévskiana a partir da cooperação com a linguística. Segundo ele, sua teoria sobre o diálogo na literatura estava intrinsicamente ligada à linguística. Mas precisava de algo a mais, e, por essa necessidade, ele decidiu inserir o prefixo *meta* no termo linguística. A *metalinguística* nos parece muito mais justa com os estudos já existentes do que o descarte realizado por Volóchinov. Mas precisamos ter o cuidado de não confundir com o termo *metalinguagem*. A metalinguagem é comumente compreendida como uma linguagem que fala a respeito dela mesma. Como um poema que expressa a dificuldade do poeta em terminar de escrever o próprio poema. A metalinguística se refere ao nível gramatical funcionando dentro do universo social, isto é, no nível cultural de tratamento do signo.

Assim, respondendo positivamente ao nosso questionamento anterior sobre o diálogo entre essas duas vertentes da filosofia da linguagem, podemos examinar, logo de início, o título do nosso corpus: *Niétotchka Niezvânova*. Trata-se de um apelido, e não nos parece uma escolha aleatória do autor. Com o primeiro nome, por exemplo partindo de um certo desmembramento, temos: *Niét* (*Hem*, em russo), que significa *não*, ou *nada*, e *otchka* (*очка*) que deixa a primeira parte na forma diminutiva – sugerindo algo como *criaturinha sem nome*, ou *criaturinha insignificante*.²² Podemos ler esse

²² Como explicado pelo tradutor Boris Schnaiderman nas primeiras páginas da obra, o nome da personagem é Ana, mas ela acaba ganhando esse apelido carinhoso por sua mãe, o qual ele traduz como “criatura sem nome” (DOSTOIÉVSKI, 2015, pág. 7). Confiamos em uma hipótese de que os nomes, em Dostoiévski, dizem muito mais sobre quem chama do que quem é chamado. Analisaremos, futuramente, a relação de Ana com sua mãe, buscando essa confirmação. Contudo, o que pontuamos, agora, é que esse nome não remete apenas ao desejo de sua progenitora, mas, como o próprio tradutor diz, a uma questão social mais ampla. Além disso, como buscamos explicar os elementos constitutivos do nome, em vez de apenas traduzi-lo, optamos por pesquisar em sites especializados no ensino do idioma (já que alguns dicionários encontrados oferecem poucas explicações sobre o contexto). As considerações feitas, portanto, são com base nas explicações de Yuliya (2010 e 2011). Essa tradução não é livre de algum equívoco, já que há, provavelmente, uma diferença considerável de tempo entre o russo de hoje em dia e o da época de Dostoiévski.

nome, portanto, em diálogo com algum elemento dentro da obra, como que respondendo a outro(s) enunciado(s). E, de fato, a personagem vive toda a narrativa como uma pequena insignificante, seja no início, quando mal consegue se expressar para o mundo, ou depois que perde sua família, acabando por morar na mesma casa em que vive uma princesa da mesma idade. Eis um trecho do diálogo entre as duas personagens:

— Mas por que estás morando em nossa casa? — perguntou de súbito após uma pausa.

Olhei-a espantada, e foi como se algo me espetasse o coração.

— Porque sou órfã — respondi finalmente, criando coragem.

— Não tiveste papai nem mamãe?

— Tive.

— E eles não gostavam de ti?

— Não... gostavam — respondi com grande esforço.

— Eram pobres?

— Sim.

— Muito pobres?

— Sim.

— Não te ensinaram nada?

— Ensinaram a ler.

— Tinhas brinquedos?

— Não.

— Tinhas doces?

— Não.

— Quantos quartos tinham vocês?

— Um só.

— Um só?

— Um só.

— E tinham criados?

— Não, não tínhamos criados.

— Mas quem servia vocês?

— Eu mesma ia comprar as coisas.

As perguntas da pequena princesa transtornavam-me cada vez mais o coração. As recordações, a minha solidão, a surpresa manifestada por ela, tudo isso me atingia, ferindo-me o coração, que sangrava. Inteiramente perturbada, eu tremia dos pés à cabeça, e as lágrimas sufocavam-me.

— Quer dizer que estás contente de viver em nossa casa?

Fiquei calada.

— Tinhas boas roupas?

— Não.

— Ruins?

— Sim. (DOSTOIÉVSKI, 2015, p. 110-11)

Com esse exemplo, inferimos que ela se torna um *nada* em comparação com – ou em resposta – a princesa, alguém que é alguma coisa, ou seja, que possui uma importância maior, na aristocracia russa. Tamanha é a diferença entre a realidade social de ambas, que a princesa demonstra um certo incômodo a cada resposta de Niétotchka. Os elementos linguísticos, como o nome da personagem, portanto, sugerem um diálogo

com outros elementos linguísticos, que, por sua vez, possuem determinados valores sociais, como *princesa* – um título de nobreza. Aqui, vemos funcionando a teoria de Saussure sobre o valor social do signo linguístico e sua relação de diferença para com outros signos – estando imersos no seio de uma sociedade. O que seria isso senão uma possibilidade de abordagem do dialogismo a partir da linguística?

De igual modo, poderíamos nos perguntar em relação à psicanálise: é ela uma teoria digna de diálogo com o Círculo? Nossa resposta já fora mencionada de antemão pelo próprio autor das *Notas*, no trecho que selecionamos mais acima: tudo dependerá da qualidade de nossa “delimitação” e do nível de “cooperação” entre elas; ou seja, se deixarmos bastante claro em que sentido ambas as teorias podem conversar.

4. A quem interessa o monólogo

A ciência da linguagem é um campo bastante amplo, que envolve diversas áreas de estudo. Não apenas as chamadas ciências humanas, mas as ciências da natureza também fazem parte desse universo, pois elas também estudam formas específicas de linguagem. O que tem acontecido com frequência cada vez maior é a limitação do funcionamento da linguagem a impulsos de neurônios, em se tratando da neurociência, por exemplo, e a questões de genética ou hereditárias, no caso da psiquiatria. Por influência de uma visão orgânica, o lado social tem perdido seu espaço. A psicologia é um desses terrenos que se situam nas bordas do social e do orgânico. E, por conta dos avanços da psiquiatria e da farmacologia, os pacientes são tratados cada vez mais com remédios (QUINTELLA, 2018). Para muitos psiquiatras, o sintoma já não expressa uma relação com a vivência social, menos ainda com a ideia de embates ideológicos.

O que a psicanálise procura fazer, dentro desse âmbito, é se aliar à psicologia e agir como uma ponte que liga os problemas do corpo e da mente a respostas do sujeito diante de sua vivência na sociedade. Daí a sua importância. A psicanálise é um ponto de resistência da visão social no campo da psicologia.

Além de combater nessa frente, diversos psicanalistas também acabaram sofrendo duras críticas de estudiosos influenciados pela filosofia tradicional. Geralmente confundida com a ideia de *alma espiritual* ou, até mesmo, como misticismo — devido ao antigo método de hipnose, abandonado por Freud logo nos primeiros anos de sua pesquisa —, a teoria do inconsciente é bastante subestimada pelos estudiosos das

lutas sociais. Contudo, desde o surgimento do pós-estruturalismo²³, por volta de 1960, há quem se dedique a provar a importância do inconsciente, principalmente, para as ciências humanas.²⁴

Como tentaremos mostrar em outro momento de nosso trabalho, aceitar que o inconsciente existe significa abrir mão da certeza de que o sujeito possui controle sobre si mesmo e sobre sua fala. Se o eu se descobre como *não sendo senhor da sua própria casa*, seguindo a metáfora freudiana, ele (que pode muito bem ser o próprio pesquisador) também fica à mercê do desconhecimento de seu objeto de estudo, este que se constitui, de certa forma, como objeto de desejo (PÊCHEUX, 2014, p. 66). Logo, a resistência ao inconsciente também se lança sobre a própria teoria. Quanto a isso, poderíamos até ousar e tomar emprestada uma das notas de Bakhtin (2017a, p. 37) para fundamentar nossa crítica: “a metodologia da explicação e da interpretação se reduz com muita frequência a essa descoberta do repetível, à inteiração do já conhecido, e se percebe o novo o faz apenas em forma empobrecida e abstrata”. Portanto, lançar mão da psicanálise, ao estudar linguagens, significa *despossuir* a certeza de que o sujeito sempre vai responder da mesma e repetida forma em determinada situação comunicacional, de que não há mal-entendidos nem ambiguidades na linguagem.

Os próprios leitores do Círculo de Bakhtin, ao descartarem a psicanálise, ficando apenas com o conhecimento teórico de sempre — aquele que constroem lendo *MFL*, por exemplo —, estariam se protegendo da possibilidade de que suas certezas sobre o que é sujeito venham a se enfraquecer, a se dissolver no diálogo com outros autores e outros modelos de pensamento. É evidente que a busca por uma consciência plena no sujeito, sem obscuridades e contradições, facilitaria o trabalho do analista de um texto, mas alimentaria, por outro lado, a tradição monológica de leitura do Círculo, que há pouco denunciaremos.

²³ O pós-estruturalismo é um movimento científico marcado por diversas releituras e formulações a partir de teorias estruturalistas, como a de Lévi-Strauss e Ferdinand de Saussure. Se o estruturalismo era lido, seguindo o exemplo de Volóchinov, como uma teoria que afirmava que, para interpretar uma obra literária, basta lê-la de *cabo a rabo* e analisar sua estrutura, o pós-estruturalismo surge para mostrar que essa obra está situada em uma cultura, em uma certa sociedade e em um momento da História. Isso tudo influencia no processo de escrita da obra. Sem entender essas condições de produção, a leitura fica comprometida. Convém ressaltar que o Círculo de Bakhtin é tido por muitos pesquisadores como uma vertente pós-estruturalista, apesar de a maioria dos livros terem sido publicados na primeira metade do século XX. Isso acontece porque a visibilidade do grupo só foi amplamente difundida quando, na década de 1960, Roman Jacobson publicou uma tradução de *MFL* na França, um dos lugares em que o Pós-estruturalismo teve mais seguidores. Outros estudiosos pós-estruturalistas são: Michel Pêcheux, Michel Foucault, Jacques Derrida, Jacques Lacan (de maneira muito peculiar), Jaqueline Authier-Revuz, entre outros.

²⁴ Esse é o caso de Michel Pêcheux (1995).

Considerações finais

Durante todo nosso trabalho de diálogo entre essas duas teorias da linguagem, pudemos perceber várias diferenças. A principal delas é o campo de atuação. O Círculo de Bakhtin nunca teve a mesma preocupação clínica que a psicanálise. No entanto, ambas as áreas de ocupação da linguagem levantaram discussões muito semelhantes, como também pudemos perceber. Vimos que o sujeito não é uma entidade fechada, mas que seu aparecimento ocorre na linguagem, e depende da relação dele com outros corpos.

As visões de Volóchinov sobre a psicanálise tratavam-se de uma interpretação diferente da nossa época a respeito de como Freud trabalhava. Ainda hoje, pode acontecer de existirem visões do método psicanalítico freudiano como algo restrito a um só corpo, que diz respeito aos hormônios ou à biologia, por exemplo. É por isso que, no trabalho completo, buscamos auxílio nas leituras que Jacques Lacan fez dos escritos freudianos, sobretudo no *Seminário, o livro 11*, em 1964 (2008). Assim, identificamos um Freud diferente daquele descrito por Volóchinov, o que nos permitiu fazer os conceitos de inconsciente e de consciência dialógica se entrelaçarem, para buscarmos descobrir de que se trata o sujeito.

Considerando a existência da consciência e do inconsciente, o afastamento entre as diferentes áreas que estudam subjetividade – mantendo cada uma em seu canto – não é muito sadio para a compreensão dessa dinâmica do sujeito, já que os dois termos são interdependentes. Nossa teoria não foi, de todo, inovadora por tentar esse diálogo, uma vez que encontramos e nos ancoramos em pesquisadores que também problematizaram a dinâmica da linguagem, como Michel Pêcheux (1995), Jaqueline Authier-Revuz (1984) e Mônica Zoppi-Fontana (2005). O que fizemos foi buscar, nas bases que fundam os sujeitos do Círculo de Bakhtin (no plural, pois não se trata de uma única visão sobre o que é ser sujeito), uma estrutura de apreensão do mundo próxima à do sujeito da certeza, comentado por Lacan. O que ambos têm em comum, nessas bases, é que, enquanto seres falantes, os sujeitos estão sempre dialogando com suas memórias, estão respondendo ao que lhes parece estar irrealizado em suas vidas, tentando se realizar, percebiam eles isso ou não.

Ao longo do trabalho, apontamos para vários caminhos possíveis de diálogo, os

quais, muitas vezes, decidimos não trilhar, mas deixamos em aberto. Sendo assim, afirmamos que não apenas o sujeito é insuficiente, mas, também, essa *nova* teoria, como procuramos mostrar logo no título.

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité(s) énonciative(s). **Langages**, [s.l.], v. 19, n. 73, p.98-111, 1984. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3406/lgge.1984.1167>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017a.

_____. **O freudismo: um esboço crítico**. Tradução e prefácio de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017b.

DOSTOIÉVSKI, F. **Niétotchka Niezvânova**. Tradução, posfácio e notas de Boris Schnaiderman. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

FERNANDES, S. A. F. A complexa relação entre a Psicanálise e o Marxismo. *Revista Olhar*. Ano 03. Nº 5-6. JAN-DEZ/01. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar5-6/sergio.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2018.

LACAN, J. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MARTINS, H. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Org.) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, volume 3. São Paulo: Cortez, 2004, pp. 439-473.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014. P.59-158

QUINTELLA, R. R. Questões acerca do diagnóstico da depressão e sua relação com o campo médico e científico. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 60, n. 28, p.83-95, 2010. Disponível em:
<<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=3512&dd99=view&dd98=pb>>.
Acesso em: 27 fev. 2018.

SÉRIOT, P. **Vološinov e a filosofia da linguagem**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na filosofia da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

YULIYA. Frases de negação. 12 mar. 2010. Disponível em:
<<http://aulasderussogratis.blogspot.com/2010/03/frases-de-negacao-e-interrogacao.html>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

_____. Aumentativo e Diminutivo da língua russa. 12 mar. 2011. Disponível em:
<<http://aulasderussogratis.blogspot.com/search?q=diminutivo>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

ZOPPI-FONTANA, M. G. O outro da personagem: enunciação, exterioridade e discurso. In: BRAIT, B. (Org). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005, p.108-118.

Os neologismos em *memes* cristãos: uma análise da produtividade dos tipos de neologismo na página *south américa crentes*

Amélia Maria Tenório Calado²⁵

Esteffany Silva Santos Marques²⁶

Inaê Tenório Melquiades²⁷

Marcela Regina Vasconcelos da Silva Nascimento²⁸

Resumo

Entende-se que a língua está em constante mudança, de maneira que tanto as unidades lexicais quanto os seus sentidos são expandidos e modificados a partir dos neologismos, isto é, dos processos de criação de novas palavras ou atribuição de significados as palavras já existem, os quais atendem as intenções comunicativas dos falantes. Portanto, a presente pesquisa apresenta como foco de estudo a criação neológica nos *memes* cristãos na rede social *Facebook*, sobretudo naqueles que se voltam para a doutrina protestante, utilizando para tal análise a página *South América Crentes*, tendo por objetivo verificar qual tipo de neologismo se configura como sendo mais produtivo dentro deste contexto. O embasamento teórico consiste nas perspectivas de Alves (1996), Basilio (2011), Carvalho (2006) e Freitas (2008), auxiliando na conceituação acerca dos neologismos e de suas classificações em neologismos conceptuais ou semânticos e neologismos formais. Ao analisarmos os neologismos encontrados na página, foi constatada uma maior produtividade dos neologismos formais, por meio dos processos de derivação, composição e redução. Além disso, evidenciou-se a influência que os aspectos extralinguísticos exercem nos processos de criação dos neologismos e a importância do conhecimento prévio e do reconhecimento de elementos pragmáticos para a compreensão destes neologismos.

²⁵ Graduanda em Letras Português e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco – UPE/ Campus Garanhuns. CEP: 55294-902, Garanhuns, Pernambuco. E-mail: ameliacalado20@gmail.com.

²⁶ Graduanda em Letras Português e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco – UPE/ Campus Garanhuns. CEP: 55294-902, Garanhuns, Pernambuco. E-mail: tete.marques394@gmail.com.

²⁷ Graduanda em Letras Português e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco – UPE/ Campus Garanhuns. CEP: 55294-902, Garanhuns, Pernambuco. E-mail: inaemelquiades@gmail.com.

²⁸ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Foi professora adjunta na Universidade de Pernambuco – UPE/ Campus Garanhuns e atualmente é professora adjunta na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/ Campus Recife. CEP: 50670-901, Recife, Pernambuco. E-mail: marcela.vasconcelos@upe.br.

Palavras-chave: Formação de palavras. Neologismos. Contexto. Memes Cristãos.

Abstract

It is understood that language is constantly changing, so that both the lexical units and their senses are expanded and modified through neologisms, that is, of the processes of new words creation or an assignment of meanings to existing words, which attend the speakers' communicative intentions. Therefore, the present research presents as the focus, the neological creation in the christian memes in the Facebook social network, especially in those that turn to the protestant doctrine, using for such analysis the page South America Crentes, aiming to verify which type of neologism is configured as being more productive within this context. The theoretical basis consists of the perspectives of Alves (1996), Basilio (2011), Carvalho (2006) and Freitas (2008), assisting in the conceptualization of neologisms and their classifications in conceptual or semantic neologisms and formal neologisms. When analyzing the neologisms found on the social network page, a greater productivity of the formal neologisms was observed, through the processes of derivation, composition and reduction. In addition, was evidenced the influence that the extralinguistic aspects exert on the creation processes of the neologisms and the importance of the previous knowledge and the recognition of pragmatic elements for better understanding of these neologisms.

Keywords: Word formation. Neologisms. Context. Christian Memes.

Introdução

É evidente que a língua está em constante mudança, sendo uma entidade dinâmica, a partir da qual, segundo Carvalho (2006, p. 193-194), “verifica-se que não só velhas formas desaparecem e novas surgem no correr da história, como também as relações entre as formas e seus conteúdos estão em constante mudança”. Tendo em vista este aspecto, é visto que o léxico da língua é expandido “com formações novas, na maioria calcadas em palavras previamente existentes e que fazem parte da competência do falante nativo” (CARVALHO, 2006, p. 194), de maneira que não se cria palavras aleatoriamente, a criação se baseia nas intenções de cada grupo, movida por razões

culturais, sociais, políticas, entre outras, dentro da prática comunicativa.

Desse modo, tal perspectiva baseia a compreensão acerca da ocorrência dos neologismos, que segundo Alves (1996, p. 11) “refere-se a todos os fenômenos novos que atingem uma língua”, isto é, se caracteriza pela criação de uma nova palavra ou expressão ou pela atribuição de um novo significado a uma palavra já existente na língua, e, de acordo com diferentes estudiosos, se divide em três principais classificações: o neologismo semântico, que corresponde a um novo sentido que é atribuído a uma palavra já existente; o neologismo lexical, que se caracteriza pela criação de uma nova palavra com um novo conceito; e o neologismo sintático, que resulta da formação de um novo vocábulo, a partir da combinação de elementos já existentes na língua, por meio dos processos de composição e derivação²⁹.

À vista disso, a presente pesquisa apresenta como foco de estudo a criação neológica nos *memes* cristãos na rede social *Facebook*, sobretudo naqueles que se voltam para a doutrina protestante, uma vez que nesta rede social encontra-se um grande contingente de textos escritos, possibilitando a verificação de modo concreto da produtividade dos processos analisados, utilizando para tal análise a página *South América Crentes*.

Além disso, o objetivo consiste em verificar qual tipo de neologismo se configura como sendo mais produtivo dentro deste contexto, partindo do pressuposto de que o neologismo semântico é mais produtivo, dado que, de acordo com Freitas (2008, p. 2), “proporciona ao falante a satisfação de uma necessidade imediata de comunicação ao dar uma nova conotação a uma palavra já existente no léxico da língua”, e dessa maneira é mais acessível ao falante atribuir um novo sentido a uma unidade já existente do que criar uma nova. Cabe salientar que esse estudo considera ainda os aspectos contextuais que motivam a criação dos neologismos e os elementos cognitivos no processo de compreensão dos neologismos encontrados.

O embasamento teórico consiste nas perspectivas de Alves (1996), Basilio (2011), Carvalho (2006) e Freitas (2008), auxiliando na conceituação acerca dos neologismos e de suas classificações em neologismos conceptuais ou semânticos e neologismos formais.

A metodologia se fundamenta por meio da realização, em um primeiro momento, da coleta do *corpus* de análise a partir dos *memes* da página *South América*

²⁹ **Fonte:** <https://www.infoescola.com/linguistica/neologismo/>. Acesso em: 10/11/2018.

Crentes, uma vez que esta possui uma maior regularidade de postagens no *Facebook*, de modo que foram analisadas as postagens entre os meses de agosto e outubro de 2018, e ao fim foram selecionadas 43 postagens com os possíveis neologismos.

Ao fim do processo de seleção das palavras e expressões passou-se a verificar se estas se caracterizavam como neologismos, de maneira que para tal foram utilizados dois métodos de consulta, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) e o Dicionário Michaelis On-line.

Após esta verificação restaram 24 neologismos, utilizados em 37 postagens, considerando a existência de postagens com a utilização de dois neologismos distintos, e que foram divididos de acordo com a classificação das formações neológicas definidas por Carvalho (2006), isto é, aqueles que não estavam presentes nos instrumentos de verificação foram considerados como neologismos formais e aqueles que estavam presentes, porém apresentavam significados diferentes dos que estavam expostos foram descritos como neologismos conceptuais ou semânticos. Por fim, analisamos os processos de formação de palavras ocorridos na criação dos neologismos formais, sob o crivo das discussões estabelecidas por Basilio (2011), e descrevemos os novos significados atribuídos as palavras existentes, contabilizando as recorrências destas formas.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: na seção 2, apresentaremos a análise dos neologismos classificados como conceptuais ou semânticos; na seção 3, abordaremos a análise dos neologismos formais, dentre os quais dividimos entre os neologismos sintáticos, os lexicais e por redução; por fim, apontaremos as considerações finais acerca do que foi pontuado ao longo das análises.

1. Os neologismos conceptuais

Após a coleta e verificação dos neologismos encontrados nas postagens entre agosto e outubro de 2018 na página *South América Crentes*, constatamos a presença de 24 neologismos, que foram divididos segundo as classificações propostas por Carvalho (2006) entre neologismos conceptuais e neologismos formais, dentre os quais destacamos os neologismos sintáticos, os lexicais e por redução.

Em um primeiro momento, considerou-se a análise dos neologismos classificados como conceptuais, também denominados como semânticos, que

correspondem, de acordo com Carvalho (2006, p. 195), a “uma nova acepção que se incorpora ao campo semântico de um significante ou mesmo através de uma conotação nova dada a uma palavra”, ou seja, o neologismo conceptual baseia-se na atribuição de um novo significado a uma palavra já existente no léxico, sem alterar sua forma, gerando apenas uma transformação semântica. A partir da análise, registramos o número de ocorrências de cada neologismo nas postagens e a classe de palavra a qual a inovação pertence, bem como se estabeleceu um comparativo entre os significados dicionarizados de cada palavra e o novos significados atribuídos, como se pode observar no seguinte quadro:

QUADRO 1

Neologismos conceptuais ou semânticos				
Neologismo	Quantidade de ocorrências	Classe de palavra a qual pertence o neologismo	Significados originais	Significado atribuído
Atribulado (a)	7	Adjetivo	Que ou aquele que sofre atribulação; que ou aquele que vivencia situações adversas.	Conotação ofensiva atribuída a uma pessoa chata, que perturba; pessoa perturbada ou descrente.
Manto	3	Substantivo	Capa usada por nobres; veste feminina usada sobre o vestido; hábito usado por religiosas; véu preto usado em sinal de luto; revestimento; escuridão.	Manifestação do Espírito Santo dentro da doutrina pentecostal; manifestação da unção e do poder de Deus.
Gado	3	Adjetivo	Conjunto de animais (bois, cabritos, carneiros, cavalos etc) criados para prestar serviços; rebanho.	Pessoa que adota um comportamento apenas porque outras pessoas estão fazendo; homem que faz algo apenas para agradar ou conquistar uma mulher.

Jezabel	3	Adjetivo	Personagem bíblica que foi casada com o Rei Acabe de Israel. Promoveu a idolatria e matou muitos profetas de Deus em Israel. Seu tem origem no hebraico e significa “Baal exalta” ou “Baal é marido”.	Conotação pejorativa para se referir a uma mulher com comportamento tido como indecente ou imoral; ofensa.
Pecado de estimação	2	Substantivo	Pecado: transgressão livre e consciente de lei ou preceito religioso; ação repreensível; estado em que se encontra alguém que transgride algum preceito. Estimação: ato ou efeito de estimar; estimativa ou avaliação.	Expressão de sentido negativo que se refere ao pecado que a pessoa não quer abandonar.
Rebeca	1	Adjetivo	Personagem bíblica que foi casada com Isaque, um dos patriarcas de Israel. De acordo com a narração de <i>Gênesis</i> , era uma mulher muito formosa e generosa. Seu nome é de origem hebraica e significa “união” ou “aquela que une”.	Conotação apreciativa para uma mulher; elogio.

Ungida	1	Adjetivo	Que recebeu santos óleos; que recebeu o sacramento da unção dos enfermos; sacerdote que recebe a sagração de bispo; aquele que foi sagrado rei; aquele que foi ungido.	Conotação apreciativa para uma mulher; elogio.
Fogo	1	Substantivo	Combustão acompanhada do desenvolvimento de luz, calor e chamas; Chama; Incêndio; Farol que serve de guia para os navegantes; disparos de armas de fogo; fogueira, lareira; vivacidade; desejo ou excitação sexual; embriaguez.	Referente à manifestação do Espírito Santo, do poder de Deus.
Maria fogo estranho	1	Adjetivo	Faz referência ao episódio narrado em <i>Levítico</i> em que os sacerdotes Nadabe e Abiú ofereceram fogo estranho, que não pertencia ao altar que estava diante do Senhor, e ofereceram perante a face de Deus, sem ordenação, de maneira que saiu fogo de diante do Senhor e os matou.	Expressão de sentido pejorativo que descreve uma mulher cristã que busca chamar a atenção dos homens; mulher que incita através da sensualidade.

Miniatura de Caim	1	Adjetivo	Miniatura: gênero de pintura; objeto de arte em tamanho reduzido; qualquer coisa em ponto pequeno; algo cujas dimensões são reduzidas. Caim: personagem da bíblia que assassinou o próprio irmão, sendo seu nome associado a termos pejorativos como a maldade e a crueldade.	Expressão que designa uma criança travessa, indisciplinada.
-------------------	---	----------	--	---

FONTE: elaborado pelas autoras

Diante das observações feitas é possível verificar um total de 10 neologismos semânticos, dentre os quais vemos que tais inovações ocorrem sempre com a intenção de causar efeitos de humor, abordando de forma cômica situações comuns ao contexto de um determinado grupo de indivíduos, isto é, fatos cotidianos do meio que pessoas cristãs do segmento protestante estão inseridas, de maneira que este aspecto está diretamente relacionado com a compreensão das variadas transformações semânticas descritas, conforme explicita Freitas (2008, p. 4) ao destacar que “na maioria das vezes, a compreensão de um neologismo semântico depende também do conhecimento de mundo partilhado pelos falantes”.

Podemos observar ainda a ocorrência de um número maior de neologismos caracterizados como adjetivos, totalizados em 7, dos quais 5 possuem uma conotações negativas e ofensivas. O mais recorrente destes nas postagens analisadas foi o termo *atribulado*, que em seus significados presentes no dicionário Michaelis On-line aparece em referência a alguém que sofre atribulação ou aquele que vivencia situações adversas, porém é visto com diferentes sentidos, cabendo ressaltar que a palavra *atribulado* aparece em determinadas postagens flexionada em masculino e feminino, sendo atribuída com uma conotação ofensiva ao sujeito que qualifica, caracterizando uma

pessoa chata, indesejada, que perturba ou mesmo um sujeito perturbado ou descrente. Além disso, a mesma palavra apresenta-se ainda qualificando o substantivo *criança*, de modo que expressa a noção de uma criança que é travessa e que causa perturbação.

Outro neologismo semântico entre os mais frequentes é a palavra *gado*, a qual é atribuída a uma pessoa que adota um comportamento apenas porque outras pessoas estão fazendo ou um homem que faz algo apenas para agradar ou conquistar uma mulher, sendo atribuído também para fazer referência a episódios narrados no contexto bíblico, como se observa em um dos *memes* que faz alusão à narrativa do livro de Gênesis (capítulo 29), em que Jacó trabalhou sete anos para casar com Raquel, de modo que nessas circunstâncias este é classificado como “gado”.

Ademais, identificou-se também que na maioria das ocorrências o adjetivo *gado* está acompanhado do advérbio de intensidade *demais*, visando acentuar a característica expressa pelo novo sentido que o termo assume e que é atribuída ao sujeito. Porém, cabe frisar que este neologismo não é uma inovação exclusiva desta página ou de *memes* voltados ao público cristão, podendo ser encontrada também em outras páginas do *Facebook* e em outras redes sociais.

Tendo em vista que, de acordo com Freitas (2008), a qual também se baseia em Alves (2004), os processos de criação dos neologismos semânticos se configuram em metáfora e metonímia, dentre o qual se encontra a sinédoque, que Freitas (2008, p. 6) define a partir da “substituição de um termo pelo outro, com ampliação ou redução do sentido usual da palavra”, vemos esta ocorrência no exemplo abaixo:

Figura 1 – Neologismo semântico: Rebeca X Jezabel³⁰

Parece Rebeca // mas é Jezabel



³⁰ Disponível em:

<https://www.facebook.com/SouthAmericaCrentes/photos/a.875148799294656/1261193877356811/?type=3&theater>. Publicado na página em: 24/08/2018.

Neste exemplo, é evidente a necessidade de um conhecimento prévio por parte dos leitores para a compreensão do neologismo expresso na postagem, uma vez que o uso destes nomes está diretamente relacionado com elementos encontrados em textos bíblicos. A utilização do nome *Rebeca* se baseia nos textos do livro de Gênesis, nos quais esta aparece pela primeira vez no capítulo 24, sendo caracterizada ao longo das narrações como uma mulher muito formosa e generosa, tendo na origem hebraica de seu nome o significado de “união” ou “aquela que une”³¹, sendo também casada com Isaque, um dos patriarcas de Israel, e nessa conformidade a utilização deste nome com o objetivo de qualificar uma mulher fundamenta uma conotação apreciativa para uma mulher ou um elogio. Em oposição a este nome vemos o uso de *Jezabel*, a qual aparece na bíblia pela primeira vez no capítulo 16 do primeiro livro do Reis, sendo casada com o Rei Acabe de Israel mostrando-se como uma mulher cruel, a qual matou muitos profetas de Deus e promoveu a idolatria e o culto ao deus Baal no meio dos israelitas, tendo na origem hebraica de seu nome o significado de “Baal exalta” ou “Baal é marido”³², e assim, o emprego deste nome visando a caracterização de um sujeito constitui um sentido ofensivo e pejorativo, designado para se referir a uma mulher com comportamento tido como indecente ou imoral.

Ainda nessa perspectiva, podemos citar as ocorrências de outros neologismos que também dependem do conteúdo bíblico para seu entendimento, como é o caso das expressões adjetivas *Maria fogo estranho* e *Miniatura de Caim*, que se constroem a partir de uma conotação irônica e também trazem uma carga semântica negativa.

Além disso, nota-se que a origem de neologismos semânticos que se classificam como substantivos, um total de 3, também engloba referências ao cenário bíblico, se constituindo a partir de metáfora, descrita segundo Bechara (2009) como a “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados”, ou seja, a metáfora se baseia na designação de uma qualidade a partir de uma relação de semelhança. Desse modo, *manto*, que define a manifestação do Espírito Santo dentro da doutrina pentecostal, se fundamenta no sentido de ser coberto, revestido pelo “manto” do Espírito Santo, assim como *fogo* que traz a mesma definição e se alicerça no contexto de diversos trechos da bíblia, nos quais Deus se manifesta através do fogo em seu significado literal, como na conversa com Moisés mediante uma sarça

³¹ Fonte: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/busca.php?q=rebeca>. Acesso em: 11/11/2018.

³² Fonte: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/busca.php?q=Jezabel>. Acesso em: 11/11/2018.

que ardia e não se consumia, narrada no livro de Êxodo (capítulo 3). Por fim, quanto ao sentido de *pecado de estimação* observa-se uma conotação irônica, que se institui a partir da atitude de permanecer no mesmo erro e não querer abandoná-lo, aludindo à expressão *bicho de estimação*.

Portanto, é constatada a influência exercida pelos aspectos contextuais e pelo conhecimento prévio para a compreensão de tais neologismos, dado que é por meio do reconhecimento dos elementos que baseiam o uso destas inovações, associado também aos saberes adquiridos a partir das vivências no meio, que o leitor da página analisada aciona em sua memória as experiências acumuladas acerca daquilo que é abordado, por meio de ações cognitivas, gerando sentidos e constituindo sua interpretação, e desse modo, conforme descrevem Boso, Garcia, Rodrigues e Marcondes (2010, p. 39),

a leitura passa a ser um processo cognitivo que depende da participação do leitor, que entra em cena com seu conhecimento prévio e participa da construção de significados; processo em que o texto passa a ser o mediador de comunicação entre o autor e leitor.

Assim, a compreensão de grande parte dos neologismos conceptuais descritos integra princípios de ordem contextual, bem como se associa aos mais diversos níveis de conhecimento.

2. Os neologismos formais

Após a descrição dos neologismos semânticos, passamos a analisar os neologismos formais, que constituem, segundo Carvalho (2006, p. 198), “uma palavra nova introduzida no nosso idioma, podendo ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro”, isto é, o neologismo formal focaliza diretamente a criação de uma nova palavra ou expressão. É necessário destacar ainda que os neologismos formais são estabelecidos por meio dos neologismos sintáticos, lexicais e de redução, de maneira que consideramos estas classificações para as observações feitas, registrando um total de 14 neologismos formais.

A princípio registramos os neologismos sintáticos, que resultam da formação de um novo vocábulo, a partir da combinação de elementos já existentes na língua, através dos processos de composição e derivação, e descrevemos o número de ocorrências de cada neologismo nas postagens, o processo que os gerou, a classe de palavra a qual

estas inovações pertencem e os seus significados, de modo que foram totalizados 11 neologismos deste tipo, dentre os quais 10 foram originados pelo processo de derivação e apenas 1 se deu por composição, como podemos observar no quadro abaixo:

QUADRO 2

Neologismos formais (sintáticos)				
Neologismo	Quantidade de ocorrências	Processo de formação das palavras	Classe de palavra a qual o neologismo pertence	Significado
Danau	3	Derivação prefixal: (de + a = da) da + nau	Substantivo	Utilizado como nome próprio; nome de personagem bíblico
Varoando	2	Derivação sufixal: varoa + ndo	Verbo	Paquerando; procurando um relacionamento.
Atribuladinho (s)	2	Derivação sufixal: atribulado + inho	Substantivo	Criança travessa, indisciplinada.
Creмосanta	1	Composição por aglutinação: cremosa + santa	Substantivo	Mulher cristã a qual o sujeito está interessado; namorada.
Desigrejado	1	Derivação parassintética: des + igreja + ado	Adjetivo	Pessoa que não frequenta instituições religiosas de culto cristão.
Varoar	1	Derivação sufixal: varoa + ar	Verbo	Paquerar; buscar um relacionamento.
Varoeiro	1	Derivação sufixal: varoa + eiro	Substantivo	Sujeito que paquera com muita frequência.
Varoador	1	Derivação sufixal: varoa + dor	Substantivo	Sujeito que paquera com muita frequência.

Jordane-se	1	Derivação sufixal: Jordão + e + (-se)	Verbo	Refere-se à ordem que o profeta Eliseu deu a Naamã, chefe do exército do rei da Síria, para que este mergulhasse sete vezes no rio Jordão e fosse curado de sua lepra.
Atribuladozinho	1	Derivação sufixal: atribulado + zinho	Substantivo	Criança travessa, indisciplinada.
Costelinha	1	Derivação sufixal: costela + inha	Substantivo	Designação carinhosa para esposa ou namorada

FONTE: elaborado pelas autoras

Diante destas descrições, é possível notar uma grande quantidade de neologismos resultantes do processo de derivação sufixal ou sufixação, um total de 8, de forma que, ao tomarmos como base as observações feitas por Basilio (2011), o sufixo é o elemento que determina a categoria lexical da palavra originada neste processo.

Outrossim, nota-se também uma parte significativa de novas palavras derivadas do termo *varoa*, recorrente nos textos bíblicos para designar “mulher” ou “esposa”, além de haver sua oposição no masculino com o termo *varão*, podendo a opção de derivação a partir do termo feminino ser explicada com base nos contextos em que estas inovações ocorrem, uma vez que sempre são encontradas ligadas a substantivos masculinos³³, denotando que as ações e características a que se referem estes neologismos são próprias dos sujeitos do sexo masculino que visam uma resposta do sexo feminino, ou seja, tomando a “paquera” e a “busca por um relacionamento” como sentidos centrais destas inovações, podemos afirmar que estas ações são frequentemente praticadas por homens tendo por objetivo a conquista de uma “varoa”.

Considerando ainda todos os neologismos sintáticos registrados, vemos a ocorrência de dois pares, originados pelo processo de derivação sufixal, que possuem o

³³ *O músico varoeiro/O músico varoador*

mesmo sentido, porém apresentam formas diferenciadas, sendo estes *varoeiro/varoador* e *atribuladozinho/atribuladinho*.

Ao analisarmos a formação de *varoeiro* e *varoador* é possível ver que estes se classificam como nomes de agente, isto é, “substantivos que denotam um ser caracterizando-o pelo exercício ou prática de uma ação ou atividade” (BASILIO, 2011), de maneira que em *varoeiro* temos a adição do sufixo –eiro a palavra *varoa*, o qual de acordo com Basilio (2011) indica a derivação direta do substantivo, sem haver mudança de classe, pois “a atividade ou ação que os caracteriza é definida por seu objeto, expresso pela base substantiva”, isto é, o indivíduo *varoeiro* é caracterizado propriamente por sua ação típica em relação as “varoas”. Já em *varoador* nota-se a adição do sufixo –dor, que marca a derivação direta a partir do verbo³⁴, resultando em um substantivo com funções adjetivas, acerca do qual Basilio (2011) destaca que este “atribui agentividade ao substantivo a que se refere no enunciado”, isto é, a formação em –dor pode aparecer acompanhando um substantivo ao qual confere a execução de determinada ação, concordando em gênero e número, sem que ocorra mudança de classe, ampliando as possibilidades de uso do nome de agente. Portanto, a distinção entre as duas formas consiste no sufixo que é adicionado, –eiro determina a derivação direta do substantivo e –dor a derivação direta do verbo, ainda que a inserção destes seja feita de modo indiferente a esses aspectos pelo falante.

Em *atribuladozinho* e *atribuladinho* observamos uma sufixação que não altera a classe da palavra, de maneira que a inovação resultante permanece na mesma classe da palavra primitiva, baseando-se na expressão do grau de acentuação de uma característica de um sujeito ou da proporção de algo, que ocorre dentro dos elementos morfológicos. A partir de *atribuladozinho* percebemos a inserção do sufixo –zinho ao termo *atribulado*³⁵ e conforme Basilio (2011) descreve o uso deste possui o principal traço de manter “a linha geral da acentuação tônica da palavra base”, bem como se houver uma flexão de gênero ou número a base também acompanha as modificações no sufixo³⁶. Em contrapartida temos em *atribuladinho* o acréscimo do sufixo –inho, que “se integra totalmente à fonologia do elemento base, como qualquer outro sufixo”

³⁴ Neste caso, deriva de outro neologismo registrado, o verbo *varoar*.

³⁵ Também é um neologismo, sendo de tipo conceptual ou semântico, tendo seus sentidos analisados anteriormente.

³⁶ Ex: *atribuladoszinhos/atribuladazinha/atribuladaszinhas*

(BASILIO, 2011), além de que a flexão de gênero e número ocorre no sufixo³⁷, como vemos ocorrer também em uma das postagens:

Figura 2 – Derivação sufixal em *atribuladinhos*³⁸



Por conseguinte, analisando estes usos é possível compreender que sua criação se baseia no neologismo semântico *atribulado* e que a adição dos sufixos –zinho e –inho são exclusivos para a definição de uma criança travessa, e assim a essência de significado enquanto neologismo conceptual também é atribuída, de maneira que os sufixos adicionados não modificam esta conotação, definindo apenas a diminuição real do tamanho.

Constatou-se ainda a existência de outros neologismos que também derivam de outras inovações, como é o caso de *cremosanta* e *costelinha*. No primeiro caso, o neologismo se origina a partir do processo de composição por aglutinação, que Carvalho (2006, p. 199) conceitua como “a união íntima de duas ou mais palavras para formarem uma terceira, com perda da integridade formal de uma delas”, assim, têm-se a presença de duas raízes, ou seja, dois significados que se unem para resultar em um novo, e desse modo em *cremosanta* é possível ver a união entre *cremosa* e *santa*, de maneira que “cremosa” se caracteriza como um neologismo semântico, podendo ser encontrado em diversos ambientes das redes sociais, e que denomina “namorada” ou “a mulher por quem o homem está interessado” e sua associação a “santa”, considerando o contexto que a página analisada se insere, remete a uma mulher cristã, que anda segundo os princípios e crenças bíblicas, e, portanto, *cremosanta* designa “a mulher

³⁷ Ex: atribuladinhos/atribuladinha/atribuladinhas.

³⁸ Disponível em:

<https://www.facebook.com/SouthAmericaCrentes/photos/a.875148799294656/1287434928066039/?type=3&theater>. Publicado na página em: 04/10/2018.

cristã que o sujeito está interessado”. Já em *costelinha* temos novamente o processo de derivação sufixal com base no termo *costela*, que se dá por meio da adição do sufixo –inho, neste caso flexionado no gênero feminino, o qual faz referência ao relato bíblico do livro de Gênesis (capítulo 2) acerca da criação da mulher a partir da costela do homem, e nessa conformidade a palavra *costela* se constitui como um neologismo semântico que denota o sentido de que a mulher seria a “metade que falta” no homem, designando assim a namorada ou a esposa deste, e a inserção do sufixo –inho aplica uma das valorações do diminutivo explicitadas por Basilio (2011) que é a expressão da “afetividade do falante sobre o objeto referido”, e em vista disso, *costelinha* define-se como uma denotação carinhosa e afetiva para a namorada ou esposa.

Podemos destacar também a ocorrência dos três verbos derivados de substantivos, também pelo processo de sufixação, os quais são *varoar*, *varoando* e *jordane-se*. Nos primeiros dois casos consideramos mais uma vez a origem na palavra *varoa*, no primeiro temos a adição do sufixo –ar, que determina a forma nominal do verbo no infinitivo, e no segundo temos o acréscimo do sufixo –ndo, que estabelece a forma nominal no gerúndio, tendo ambos o mesmo significado de “paquera” ou “busca por um relacionamento”. Por fim, *jordane-se* deve ser compreendido, primeiramente, a partir do seguinte contexto:

Figura 3 – Derivação sufixal em *Jordane-se*³⁹

**Eis que o profeta Eliseu responde
ao pedido de Naamã para curá-lo
da lepra:**

"Jordane-se"



Portanto, o neologismo refere-se ao texto bíblico do segundo livro dos Reis, no qual vemos a ordem que o profeta Eliseu deu a Naamã, chefe do exército do rei da Síria,

³⁹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/SouthAmericaCrentes/photos/a.875148799294656/1300329356776596/?type=3&theater>. Publicado na página em: 22/10/2018.

para que este mergulhasse sete vezes no rio Jordão e fosse curado de sua lepra, de forma que tal cenário explicita o fato do verbo estar construído a partir do modo imperativo, bem como a inserção do pronome oblíquo –se, que se classifica, de acordo com Basilio (2011) como uma das “unidades que se agregam a uma palavra fonologicamente, sem fazer parte dela do ponto de vista morfológico”, isto é, um clítico. Cabe salientar que a criação deste neologismo é motivada por outra criação também presente na internet, na qual a atriz Bruna Marquezine postou uma foto em sua conta no Instagram⁴⁰ com a legenda *noronhe-se*, gerando então um efeito irônico e humorístico.

É visto também neologismos gerados mediante os demais tipos de derivação, a prefixal e a parassintética. O substantivo *danau*, o mais recorrente entre os neologismos sintáticos registrados, é originado pela derivação prefixal, tendo em vista que a contração da preposição “de” com o artigo “a” assumem o papel de prefixo, uma vez que não apresenta uma carga de sentido, e é utilizado como sendo um nome próprio ou uma personagem da bíblia, abordando de maneira cômica o fato de que algumas pessoas ao ouvirem o louvor *Sobre as ondas do mar*, de número 467 no livro de louvores denominado *Harpa Cristã*, entendem o refrão como “solta o cabo, Danau” ao invés de “solta o cabo da nau”, considerando que “Danau” seria uma personagem. Já no adjetivo *desigrejado* observamos que se trata do processo de derivação parassintética, na qual, segundo Basilio (2011), “temos [prefixo[base]sufixo]x, sendo que o prefixo especifica uma alteração semântica e o sufixo determina a categoria lexical X da palavra resultante”, isto é, nesta derivação temos a adição de um prefixo e de um sufixo ao mesmo tempo, que neste caso ocorre pela inserção do prefixo des- e do sufixo –ado a palavra *igreja*, focalizando que este prefixo se constitui como uma negação ou oposição ao sentido original da raiz a qual se associa, e o sufixo em questão é específico para designar um adjetivo que é originado de um substantivo, sendo semanticamente vazio, e assim, *desigrejado* passa a ser utilizado para referir-se a uma pessoa que adota a prática de não frequentar instituições religiosas de culto cristão.

Além dos neologismos sintáticos constatamos também a ocorrência de um neologismo de tipo lexical em uma das postagens analisadas, que segundo Carvalho (2006, p. 199) define-se pela “inserção sócio-linguística de um novo termo, introduzindo um conceito. É o aparecimento na língua de uma unidade lexical que adquire sua autonomia sintático-semântica”, verificado a partir da criação lexical do

⁴⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpDdTIYA3kV/>.

termo *reteté*, o qual não possui origem etimológica conhecida nem mesmo fundamento em outros termos da língua, estando relacionado ao sentido de “barulho”, e denomina o movimento praticado principalmente em igrejas do segmento neopentecostal no Brasil, consistindo em manifestações físicas praticadas durante os cultos religiosos e em demonstrações exageradas de emoções, existindo conflitos entre as igrejas de doutrina pentecostal quanto a esta prática⁴¹.

Por fim, registramos a ocorrência de neologismos formais que se baseiam na redução, como podemos observar no quadro a seguir:

QUADRO 3

Neologismos formais (redução)			
Neologismo	Quantidade de ocorrências	Classe de palavra a qual pertence o neologismo	Significado
EBD	2	Substantivo	Escola Bíblica Dominical
MFE	1	Adjetivo	Maria Fogo Estranho

FONTE: elaborado pelas autoras

Diante destes casos, observamos neologismos que se dá pela redução de títulos às iniciais destes, que Carvalho (2006, p. 200) descreve como um “processo de formação de palavras moderno e generalizado”, sendo motivado pelo princípio de economia linguística, e assim, as iniciais passam a ser utilizadas com mais frequência para denominar o objeto a que se referem. Nas ocorrências acima, vemos que *EBD* nomeia “escola bíblica dominical”, o culto semanal, típico das igrejas protestantes, realizado aos domingos que tem por objetivo o ensino de temáticas bíblicas e das doutrinas cristãs.

Já em *MFE*, nota-se que esta abreviatura parte do neologismo semântico *Maria Fogo Estranho*, trazendo a mesma carga semântica e referências aos textos bíblicos, bem como se constitui também como adjetivo.

Considerações finais

⁴¹ Fonte: <https://www.significados.com.br/retete/>. Acesso em: 16/11/2018.

A partir dos resultados obtidos com esta pesquisa foi constatada a influência que os aspectos extralinguísticos exercem nos processos de criação dos neologismos, de maneira que estes retratam elementos intrínsecos ao contexto de um determinado grupo, bem como tornou evidente a importância do conhecimento prévio e do reconhecimento de elementos pragmáticos para a compreensão destes neologismos. Observou-se também que as inovações analisadas nas postagens da página *South América Crentes* são motivadas principalmente com o objetivo de causar efeitos de humor, abordando de forma cômica situações comuns ao contexto de pessoas cristãs que pertencem ao segmento protestante.

Ao verificarmos qual tipo de neologismos seria mais produtivo, partindo da hipótese inicial que o neologismo semântico assumiria esta característica, percebemos que isto não se comprovou, tendo em vista que contabilizamos 10 neologismos semânticos e 14 neologismos formais, fato este que pode ser justificado por meio da possibilidade criativa que o falante possui em associar duas palavras presentes em seu léxico ou de grande circulação em seu âmbito de uso da língua, neste caso a internet, além da facilidade em aplicar processos regulares da língua a palavras já existentes e também a outras inovações, tal qual a derivação, bem como por meio da economia linguística. Portanto, os resultados deste estudo demonstram a essência dinâmica e inovadora da língua, a qual se transforma e se renova a partir das necessidades e da capacidade criativa de cada falante.

Referências bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. **O conceito de neologia:** da descrição lexical à planificação linguística. *Alfa*, São Paulo, v. 40, p. 11-16, 1996.

BASILIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil.** 3.ed. São Paulo: Contexto, 2011. Disponível em: <http://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/09/Formacao-e-Classes-de-Palavras-Margarida-Basilio.pdf>. Acesso em: 01/10/2018.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37.ed. Rio de Janeiro: Nova

fronteira, 2009. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4198645/mod_folder/content/0/2%20Bibliografia%20de%20Refer%C3%Aancia/BECHARA_ModernaGramaticaPortuguesa.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 14/11/2018.

BOSO, Augiza Karla; GARCIA, Daniela; RODRIGUES, Michele de Britto; MARCONDES, Pollyne. **Aspectos cognitivos da leitura:** conhecimento prévio e teoria dos esquemas. *Revista ABC: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 15, n.2, p. 24-39, jul/dez., 2010. Disponível em:

https://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/716/pdf_39. Acesso em: 07/11/2018.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. **A criação neológica.** *Revista trama*, v. 2, n. 4, p. 191-203, 2006.

FREITAS, Roberta. **Criação lexical:** a produtividade da neologia semântica na fala do brasileiro. *Travessias*, v. 2, n. 2, p. 1-11, 2008.

Referência do Corpus

South América Crentes - <https://pt-br.facebook.com/SouthAmericaCrentes/>. Acesso em: 21/10/2018.

**Tessitura gótica no conto “At Chênrière Caminada”,
de Kate Chopin**

Rosemary Elza FINATTI⁴²

Resumo

O presente artigo propõe uma análise do conto “At Chênrière Caminada”, de Kate Chopin, a partir de uma tessitura gótica revelada por meio de uma atmosfera trágica e pela presença da fantasmagoria, mostrando como tais elementos envolvem as instâncias narrativas através da manifestação do sublime, da ambientação de terror e da temática da morte trágica das personagens. Para tanto, a análise terá como fundamentação teórica a concepção de Edmund Burke acerca do sublime e as considerações de Fred Botting sobre a ambientação gótica que envolve a narrativa. Assim, intenciona-se encontrar traços da ficção de terror em um conto que, aparentemente, tem como pano de fundo a cor local e a história de um amor impossível, porém, com significados ocultos e profundamente enraizados no fazer literário notadamente crítico de Kate Chopin.

Palavras-chave: Kate Chopin. At Chênrière Caminada. Literatura Gótica.

Abstract

The present article proposes an analysis of the short story “At Chênrière Caminada”, by Kate Chopin, from a Gothic framework revealed by means of a tragic atmosphere and by the presence of phantasmagoria, showing how such elements involve the narrative instances through the manifestation of the sublime, the terror atmosphere and the theme of the tragic death of the characters. For this purpose, the analysis will have as theoretical foundation the conception of Edmund Burke about the Sublime, the considerations of Fred Botting on the Gothic setting that surrounds the narrative. Thus, it intends to find traces of the horror fiction in a tale that, apparently, has as its background the local color and the history of an impossible love, however, with some hidden and deeply rooted meanings in the notably critical literary work of Kate Chopin.

⁴² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp – Araraquara, SP. Professora de Língua Inglesa da Secretaria Estadual de Educação. CEP 15910-000. E-mail: rosefinatti@gmail.com.

Keywords: *Kate Chopin. At Chênrière Caminada. Gothic Literature.*

Introdução

A literatura gótica emerge em 1764, com a publicação do romance *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole, obra que proporcionou pela primeira vez o encontro entre o terror e o gênero literário romance. O Gótico surge como modalidade literária que perturba o imaginário do leitor, que utiliza o medo como elemento estético para desarticular e lançar um olhar crítico sobre a racionalidade dos iluministas. Nesse viés desarticulador da ficção gótica, “é notável que uma das principais linhas da história e da tradição góticas tenha sido estabelecida por mulheres escritoras” (ROSSI, 2015, p.67, tradução nossa).⁴³

1. Figurações góticas na escrita chopiniana

Kate Chopin, uma das principais autoras do Realismo estadunidense, trilhou os caminhos sombrios do Gótico como forma de crítica social por meio de um fazer literário que causou incômodo e inquietação na sociedade de sua época. Suas obras romperam padrões impostos pela cultura patriarcal e desarticularam conceitos até então inabaláveis. Incômodo, inquietação e desarticulação são características presentes na fortuna crítica da autora e tais características também são recorrentes do *modus operandi* da literatura gótica. Neste percurso das Trevas, o conto “Desirée’s baby” (1893) apresenta uma das histórias mais trágicas escritas por Kate Chopin e ocupa um lugar representativo do gênero gótico americano. A obra-prima da autora, *O despertar* (*The Awakening*, 1899), mais precisamente o décimo-terceiro capítulo, apresenta “um lado sombrio e perigoso da existência, um lado regido por forças incontroláveis e malignas” (ROSSI, 2013, p.1), revelando que o multiverso ficcional chopiniano aborda os mais recônditos temas do imaginário e da natureza humana. Além do viés crítico, Kate Chopin utiliza a maquinaria gótica para engendrar e subverter significados.

Entre a publicação das duas obras supracitadas, segundo Emily Toth e Per Seyersted (1999, p.159), em 1893 a autora escreve o conto “At Chênrière Caminada” e o

¹ “[...] it is notable that one of the Gothic history and tradition was established by women writers”.

envia para uma renomada revista da época, a *Atlantic Monthly*; contudo, a revista o rejeita por considerar o tema da cor local clichê demais para agradar aos leitores. Em 23 de dezembro de 1894, o conto foi publicado pela primeira vez no jornal *Times-Democrat de New Orleans*, como uma história de natal intitulada “Tonie” (TOTH, SEYERSTED, 1998, p.167). Posteriormente em novembro de 1897, passou a integrar a coletânea de vinte e um contos intitulada *A night in Acadie*, publicada pela editora Way e Williamns, de Chicago. Segundo Per Seyersted (1980, p. 73), enquanto Kate Chopin escrevia sua obra-prima, a coletânea *A night in Acadie* finalmente é publicada. Pode-se deduzir que tanto o cenário como alguns personagens de “At Chênrière Caminada” inspiraram a autora na composição do romance, pois esse conto dialoga com *O despertar* ao introduzir personagens e lugares comuns às duas obras: Tonie e sua mãe, madame Antoine; Claire Duvigné, que é mencionada no capítulo V do romance; madame Lebrun e sua pensão em Grand Isle; além da ilha Chênrière Caminada e a igreja de Nossa Senhora de Lourdes.

2. A paixão em um templo das trevas

O conto em questão narra a história de um pescador, Antoine Bocaze, que vive um momento epifânico na igreja de Nossa Senhora de Lourdes ao deparar-se pela primeira vez com a bela Claire Duvigné tocando uma música durante a missa. Em uma manhã quente de domingo, todos se surpreendem com o som da melodia tocada pela organista que acompanhava a oração do credo. Naquele momento, Tonie e os fiéis sentiram como se “[...] algum ser divino havia baixado à Igreja de Nossa Senhora de Lourdes e escolhido uma forma celestial de se comunicar com os fiéis” (CHOPIN, 2011, p.91). A partir dessa epifania, o protagonista transforma-se em um homem obcecado por Claire a ponto de vagar pelas ruas sem rumo, sentir-se alheio a tudo o que acontece ao seu redor e não conseguir retomar seus afazeres cotidianos sem que a imagem da jovem lhe assombre os pensamentos. Na manhã seguinte, o pescador tenta em vão consertar seu barco para ir à Grand Isle com o intuito de perseguir à distância os passos de sua amada. Com a ajuda de um amigo que consertou o seu lugre de vela vermelha, Tonie dirige-se à pensão de madame Lebrun a procura de Claire. E assim ele passou os dias e as noites de verão em Grand Isle sem se preocupar com sua mãe e seu ofício na ilha Chênrière Caminada, obcecado por observar cada movimento da jovem

garota, que estava quase sempre acompanhada de outros homens também encantados por ela.

Em um dado momento, mademoiselle Duvigné notou pela primeira vez a presença de Tonie, e começou a conversar com ele depois de perceber a maneira apaixonada com que ele a olhava. Para a jovem organista, que adorava despertar a paixão dos rapazes ao seu redor, não havia nada mais interessante do que ser objeto de devoção de um homem. Porém, as badaladas do sino da igreja interromperam o momento em que eles estavam a sós, pois Claire decide ir embora porque já estava anoitecendo. No píer, ele ajuda sua amada a sair do barco e o toque em suas mãos reacendeu a chama do sangue do pescador. Como forma de pagamento, ela lhe entrega uma corrente de prata, propositalmente para provocá-lo. Ao vê-la se afastando, ele é acometido de um terrível arrependimento por não ter aproveitado o momento em que eles estiveram sozinhos. Tonie, que nunca havia se apaixonado antes, estava completamente envolvido pela obsessão de um sentimento que lhe causa aflição, justamente por ser um amor irrealizável por causa das barreiras sociais. Ela era filha de um famoso advogado de New Orleans, e ele, um humilde pescador de Chênrière Caminada.

A paixão de Tonie nasce envolta ao sagrado, durante a celebração de uma missa, no momento em que observa a organista como “aquele ser celestial, que Nossa Senhora de Lourdes uma vez oferecera à sua imortal visão” (CHOPIN, 2011, p.99). Entretanto, o sentimento arrebatador ocorre em uma atmosfera das Trevas, por se tratar de uma igreja gótica, o que denota “a sutilíssima ironia chopiniana ao transformar uma igreja de Nossa Senhora de Lourdes, a persona da Virgem Maria relacionada à Luz, em um templo gótico, uma habitação das Trevas” (ROSSI, 2011, p. 188). Considerando a simbologia da igreja gótica, pode-se presumir que uma história de amor em um templo das Trevas não poderia ter um final feliz.

3. Um diálogo entre “At Chênrière Caminada” e “Wiser than a God”

O multiverso ficcional de Kate Chopin é marcado por mulheres revolucionárias, dotadas de uma identidade ousada, independente e questionadora em relação aos valores patriarcais atribuídos à condição feminina. Nesse sentido, as personagens Claire Duvigné e Paula Von Stoltz de “Wiser Than a God” (1889), primeiro conto publicado

pela autora, assemelham-se por serem belas, corajosas e por dedicarem-se à música. Paula é uma jovem pianista que recebe uma proposta de casamento e, apesar de sentir-se atraída por George, atende ao chamado da música que, para ela era mais importante do que a própria vida. Paula decide seguir a carreira de pianista por atribuir ao casamento e à maternidade a negação de seus sonhos profissionais.

A música aproxima Claire e Paula por simbolizar liberdade e evocar a livre expressão dos sentimentos. Além disso, a música desperta experiências sinestésicas e transcendentais em alguns personagens de ambos os contos, uma vez que

Nessas histórias alguns de seus personagens são fisicamente e psicologicamente transformados por seu envolvimento sensorial com a música. Portanto, a música não apenas proporciona uma sensação poderosa, como também uma espécie de caminho cognitivo através do qual outras experiências sensoriais são aprimoradas[...] (GIL, 2015, p. 86, tradução nossa)⁴⁴

Em “Wiser Than a God”, a carreira musical determina o caminho de autorrealização da protagonista, sobretudo porque a música significa para ela muito mais do que uma simples distração, pois corre como o sangue em suas veias, é mais importante do que a riqueza e até mesmo do que o amor (CHOPIN, 1988, p. 46, tradução nossa)⁴⁵.

No conto “At Chênrière Caminada”, as notas musicais tocadas por Claire invadem a igreja e desencadeiam revelações e sensações únicas em Tonie a ponto de transformar o seu destino. Envolvido pela doce melodia do ângelus, o pescador apaixonou-se perdidamente pela organista e passa a viver em função desse sentimento.

4. A manifestação do sublime

Ao vivenciar sensações de encanto e assombro diante da organista, Tonie é tomado de uma certa perturbação diante de uma entidade que ele considera pertencer a outras esferas, ao sobrenatural propriamente dito, pois, para ele, Claire representa um

⁴⁴ “In these stories, some of her characters are physically and psychologically transformed by their sensorial involvement with music. Therefore, music provides not only a powerful sensation but a sort of cognitive path through which other sensory experiences are enhanced [...]”.

⁴⁵ “Is music anything more to you than the pleasing distraction of an idle moment? Can't you feel that with me, it courses with the blood through my veins? That it's something dearer than life, than riches, even than love?”

ser celestial dotado de uma grandiosidade que confere a ele a percepção de sua pequenez. Envolvido por um deslumbramento que a imagem da organista lhe causou, a sua existência é regida pela força de um sentimento que ele até então desconhecia, sensação que pode ser compreendida como “o produto da emoção mais forte que a mente é capaz de sentir” (BURKE, 1990, p.33, tradução nossa)⁴⁶. Ao deparar-se com a beleza de Claire, com a angelitude que a envolve, Tonie simplesmente não consegue mais ser o mesmo e torna-se completamente obcecado por ela, sendo subjugado por algo que o perturba de uma maneira arrebatadora a ponto de “Todo o seu universo parecia ter se convertido, de repente, em um fascinante pano de fundo para a pessoa de mlle. Duvigné e os vultos obscuros dos homens ao seu redor” (CHOPIN, 2011, p. 96). Assim, pode-se considerar que esse estado de alma do protagonista é regido pela manifestação do sublime, pois “Neste caso, a mente está tão preenchida de seu objeto que não pode entreter-se com outro nem raciocinar sobre aquele que a ocupa” (BURKE, 1990, p.33, tradução nossa)⁴⁷.

O pescador é consumido por uma paixão incontrolável, que o domina a ponto de querer perseguir sua amada, mesmo sem esperança de que seus sentimentos sejam correspondidos. Esse fascínio que a figura de mlle. Duvigné desperta em Tonie está relacionado a um dos efeitos da paixão causado pelo sublime uma vez que “Essa é a origem do poder do sublime, que, longe de resultar de nossos raciocínios, antecede-os e nos arrebatava com uma força irresistível”. (BURKE, 2013, p.65).

5. Imagens femininas de anjo e monstro: a sereia que encantou o pescador

Tonie associa a imagem de sua amada a um ser celestial que apareceu na igreja ao som do ângelus. Entretanto, o narrador esclarece que Claire Duvigné não era um ser de outras esferas, mas uma bela jovem de Grand Isle de olhos azuis e cabelos castanhos. A partir desta constatação, pode-se conjecturar que Kate Chopin utiliza-se dessa representação discrepante da personagem – como um ser celestial sob o olhar de Tonie e como uma jovem comum sob o ponto de vista do narrador – como uma crítica à cultura patriarcal, que considera dois extremos para classificar as mulheres: ou anjo, ou

⁴⁶ “It is productive of the strongest emotion, with the mind is capable of feeling”.

⁴⁷ “In this case the mind is so entirely filled with its object, that it cannot entertain any other, nor by consequence reason on that object which employs it”.

monstro. Tal dualidade foi conceituada pelas autoras Sandra Gilbert e Susan Gubar na obra *The Madwoman in the Attic* ao enfatizarem que “uma escritora deve examinar, assimilar e transcender as imagens extremas de ‘anjo’ e ‘monstro’ que os autores masculinos criaram para ela”⁴⁸ (GILBERT, GUBAR, 1984, p. 17). Segundo Gilbert e Gubar, as características que definem a mulher anjo são submissão, modéstia, passividade, pureza, ou seja, a concepção feminina tão idealizada pela cultura patriarcal que considera essenciais tais atributos. Já as características veementemente combatidas pela sociedade patriarcal estão relacionadas à assertividade e à independência da mulher e, simbolicamente, a face monstruosa feminina “é associada à bruxa, à louca histérica, ao monstro, ao ser maligno que se esconde nos submundos, à Medusa, à *femme fatale*, à sereia, ao dragão, à vampira etc” (ROSSI, 2007, p. 21 - 22).

Para Antoine Bocaze, a personificação da mulher angelical no seu objeto de devoção é representada ao vê-la sozinha, ao imaginá-la sob uma aura mística na igreja e quando ele associa a imagem da personagem à música sacra. Porém, a bela organista figura a mulher monstro que encanta o pescador e atrai todos os homens ao seu redor sobretudo porque Claire é uma mulher sedutora que está sempre acompanhada de outros rapazes. Ao vê-la se divertindo, sentindo-se livre e com a alegria da juventude, Tonie é possuído por um desejo de vê-la morta, como a mulher monstro que não tem lugar na sociedade patriarcal.

Tal concepção pode ser notada quando o narrador revela o lado sombrio do protagonista através da transformação de sua aparência, que vai se deteriorando à medida que ele se entrega à paixão não correspondida, pois enquanto Claire estava viva, a tristeza o consumia, pois “[...], cada vez mais ela morava em seus pensamentos, nutrindo-se de sua energia física e mental, até que a sua condição de infelicidade tornou-se aparente para todos que o conheciam” (CHOPIN, 2011, p.100). Nesse sentido, a bela organista representa a imagem de uma *femme fatale*, uma vampira que suga a energia vital do pescador e, ao saber que Claire Duvigné havia morrido, ele sentiu que sua vida estava recomeçando. A mãe de Tonie percebe nitidamente as mudanças do filho que “tinha voltado a ser como era antes, pois toda a sua força e a sua coragem de antigamente haviam retornado. Mas então ela percebeu um brilho novo em seu rosto, que antes não estava lá” (CHOPIN, 2011, p. 102).

⁴⁸ “[...] a woman writer must examine, assimilate, and transcend the extreme images of “angel” and “monster” which male authors have generated for her”.

A ideia de que Claire representa a mulher monstro que deve ser banida da sociedade patriarcal também é revelada no desfecho do conto, quando Tonie confessa à sua mãe que a morte de sua amada lhe deixou contente, confissão que fez madame Antoine estremecer. Indignada, ela pergunta ao filho a razão desse estranho contentamento e ele responde

– A senhora veja bem, mãe: enquanto ela tava viva eu não podia ter esperança nenhuma [...] – O desespero é a única coisa que eu tinha. Ela tava sempre rodeada de homens. Ela andava e cantava e dançava com eles. Eu sabia o tempo todo, mesmo quando eu não via a moça. Mas eu via ela mais que o suficiente. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde, um deles ia agradar ela e ela ia se entregar pra ele... ia se casar com ele. Essa ideia me assombrava como um espírito mau (CHOPIN, 2011, p. 103).

A partir dessa confissão, a face cruel do protagonista torna-se evidente dada a frieza que ele demonstra ao alegrar-se com a morte de mademoiselle Duvigné, a mulher por quem ele, aparentemente, sentia uma paixão arrebatadora. A respeito do comportamento de Tonie, Stein (2005, p. 91) diz que

Ele não tem nenhum remorso em estar alegre diante do extinguir da vida de uma jovem mulher, ao ver a mulher que ele supostamente ama interromper repentinamente todas as possibilidades que a existência poderia ter oferecido a ela⁴⁹.

As possibilidades que Claire teria, caso não tivesse morrido tão jovem, atormentavam o pescador justamente porque ele não fazia parte de tais possibilidades e a ideia de vê-la feliz com outro homem representa para ele um espírito mau que lhe assombrava. Assim, a morte da personagem realizou o seu desejo atroz e egocêntrico, pois, segundo ele, sua amada foi para o lugar onde ela deveria estar. O discurso do protagonista revela seu pensamento insano e macabro, porém ele tenta, arditamente, disfarçar suas intenções perturbadoras ao explicar à sua mãe a razão pela qual a morte de mlle. Duvigné lhe trouxe paz. E o campo semântico que compõe esse discurso remete a elementos simbólicos associados às Trevas como desespero, espírito mau, assombro, tortura e morte.

6. Ambientação gótica em “At Chênrière Caminada”

⁴⁹ “He has no compunction whatever about being joyful at the snuffing out of a young woman's life, at seeing the woman he presumably loves cut off suddenly from all the possibilities that existence might have offered her [...]”.

No que tange ao espaço, a narrativa se desenvolve em um cenário claro-escuro crepuscular, ainda que a paisagem predominante seja de um dia claro e em pleno verão (MARTINS, 2011, p. 206). A ideia articulada nesta imagem contribui para decifrar alguns significados submersos relacionados à ambientação gótica cuja paisagem compõe-se pelas ilhas Chênrière Caminada e Grand Isle, ambas situadas no Golfo do México, e também a igreja de Nossa Senhora de Lourdes. É interessante observar que, na primeira publicação, o conto foi intitulado de *Tonie*. Porém, quando foi publicado na coletânea *A night in Acadie*, o nome da ilha passou a ser evidenciado como título, possivelmente pela relevância do cenário na significação do enredo, uma vez que a figura da ilha representa uma fantasmagoria por evocar isolamento, por estar cercada de água por todos os lados (ROSSI, 2010, p.203).

No que tange à composição do cenário das Trevas, “os horrores são encontrados entre igrejas arruinadas, em paisagens tempestuosas e desoladas” (BOTTING, 1996, p. 69, tradução nossa)⁵⁰. Assim, a ilha e a igreja são espaços comuns à arquitetura gótica presente no conto, e as ruínas se misturam à paisagem paradisíaca. As ruínas são descritas pelo narrador na cena em que Tonie vagava sem rumo de um lado para o outro da ilha, passando por “casinhas [...] cinzentas e danificadas pelo tempo e pelos violentos açoites dos ventos salobres do mar” (CHOPIN, 2011, p.93).

Outro elemento gótico presente no enredo alude ao lugar em que Tonie encontra Claire quando chega em Grand Isle para seguir seus passos. Ela estava reunida com outras moças e rapazes debaixo de uma árvore de carvalho. O carvalho é a árvore da bruxaria. As varinhas e a vassoura da bruxa são feitas de carvalho. As bruxas eram enterradas aos pés da árvore de carvalho⁵¹, e Claire Duvigné, com todo seu coquetismo que seduz e mantém os homens ao seu redor, é a personificação da bruxa, da mulher monstro, da *femme fatale* que enfeitiçou o pescador. Além disso, a própria composição do conto e o período em que foi criado remetem a uma ambientação das Trevas. *At Chênrière Caminada* foi escrito por Kate Chopin entre os dias 21 e 23 de outubro de 1893, três semanas depois do segundo maior desastre natural da história dos Estados Unidos, o grande furacão de 1893, que devastou as ilhas Chênrière Caminada e Grand

⁵⁰ “*Horrors are encountered among ruined churches, in stormy and desolate landscapes [...]*”

⁵¹A simbologia da árvore de carvalho é parte da explanação da aula **Terror & Horror: A Maquinaria Gótica 2**, da disciplina Ficção de terror, do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, ministrada no primeiro semestre de 2018 pelo Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi, na FCLAr – UNESP.

Isle e matou cerca de duas mil pessoas. Segundo Emily Toth (1999, p.79), a autora reconstruiu o cenário paradisíaco das ilhas “com todas as lembranças da cor local e da atmosfera sensual: o céu, o mar, os pássaros, o amor, a música e a morte, tudo em meio à atmosfera mágica da ilha” (Tradução nossa)⁵². No entanto, não há como recriar toda a beleza natural das ilhas sem que a lembrança do furacão venha à tona. A força incontrolável da natureza transformou o cenário de um paraíso tropical em um *locus horribilis*, marcado pelo horror de uma tragédia de grandes proporções.

Para Ewell e Menke, a atmosfera melancólica do conto está diretamente relacionada à devastação causada pelo furacão de 1893, já que retratava um estilo de vida que quase desapareceu depois da tempestade (GEORGE, 2016, p.31). O narrador faz uma referência indireta ao desastre natural através das recordações da personagem madame Antoine a respeito do tempo em que foi consolada por madame Lebrun, quando o pai e os irmãos de Tonie morreram na Enseada da Baratária, durante uma forte tempestade (CHOPIN, 2011, p. 94). A Enseada da Baratária se localiza a dezoito quilômetros de Grand Isle, também atingida pelo furacão de 1893. Para Janet Beer (1997, p.54), a história narrada em “At Chênrière Caminada” é um tributo em memória à tragédia, pois “a quietude da cena final não é confiável; a imprevisibilidade da tempestade é uma ameaça constante à calma” (Tradução nossa)⁵³.

Dessa forma, pode-se observar que o conto é regido por uma atmosfera ameaçadora, por forças incontroláveis e por uma calma aparente. O momento em que Tonie vê Claire pela última vez revela uma atmosfera obscura metaforicamente representada pela hora crepuscular, pela imagem da personagem envolvida na névoa, pela presença de vultos ao lado dela e também através do desejo de Tonie ver sua amada morrer em seus braços, caso tivesse outra oportunidade de estar a sós com ela.

7. O viés trágico e as representações da morte

A respeito da aura trágica marcada pela recorrência da morte no conto, “as torções semânticas vão tecendo aos poucos uma verdadeira ode ao sentimento amoroso e à morte” (MOSCOVICH, 2011, p. 159). A partir do momento em que o pescador se

⁵² “[...] with all the remembered local color and sensuous atmosphere: the sky, the sea, the birds, love and music and death, all amid the magical atmosphere of the island”.

⁵³ “[...] the stillness of the final scene is not to be trusted; the unpredictability of the storm is an everpresent threat to the calm”.

depara com a presença da organista e sai perturbado da igreja, as representações da morte começam a delinear a atmosfera do conto e, progressivamente, a morte é anunciada em três momentos da narrativa. O primeiro momento é quando Tonie anda perdido pelas ruas e ouve os gritos de uma mulher anunciando que um senhor havia acabado de falecer, como o prenúncio de um trágico e fatal porvir. O segundo momento surge por meio das lembranças de madame Antoine a respeito da morte trágica do pai e dos irmãos de Tonie, que ocorreu há dez anos em meio a terrível tempestade que atingiu a Enseada da Baratária, tempestade que ceifou inúmeras vidas. Porém, é no terceiro e último momento em que a temática da morte assume uma tonalidade nefasta e de maior relevância no enredo. É no desfecho do conto que a morte de mlle. Duvigné chega “sem nenhum aviso!” (CHOPIN, 2011, p. 101).

O efeito da notícia da morte de Claire causou em Tonie uma série de sensações divergentes; e depois da sensação de que estava morrendo, estranhamente, ele passou a se sentir tranquilo como não se sentia desde o momento em que se apaixonou por ela. Ao invés de causar tristeza, a morte de Claire traz alegria ao pescador porque é somente através da morte que ele consegue concretizar o seu amor

“E, infelizmente, [...], Tonie encontra serenidade somente quando Claire literalmente deixa de existir – embora, de fato, Claire, como uma mulher real nunca existiu realmente para ele, e é isso que é tão perigoso para os dois” (STEIN, 2005, p. 91, tradução nossa)⁵⁴.

A morte de Claire permitiu a Tonie a paz que a presença dela lhe roubava e, nesse sentido, a relação perigosa enviesada de prazer e dor evoca a morte como única possibilidade de união do casal, sobretudo porque

Dyer vê na resposta de Tonie em relação à morte de Claire um sinal de sua perversidade, e é desnecessário dizer que seu pensamento é bizarro e assustador, pois ele fica contente ao descobrir que a doença realizou o que ele mesmo não conseguiu (STEIN, 2005, p. 91, tradução nossa)⁵⁵.

A temática da morte é representada de maneira ambígua quando o pescador diz à sua mãe que somente a morte lhe traria paz diante da infelicidade de viver uma paixão

⁵⁴ “And, sadly, [...], Tonie finds serenity only when Claire herself literally ceases to exist-though, indeed, Claire as an actual woman never has really existed for him, and that is what is so dangerous for them both”.

⁵⁵ “Dyer sees Tonie's response to Claire's death as a sign of his perversity, and needless to say, his thinking is bizarre and chilling, as he is pleased to discover that illness has accomplished what he himself was unable to”.

não correspondida, pois, na verdade, Tonie não estava se referindo à sua própria morte e sim à morte de mademoiselle Duvigné.

Considerações finais

A tessitura gótica em “At Chênrière Caminada” está delineada e escondida por trás de uma história de amor, que nasce no solo sagrado de uma igreja gótica e tem como cenário uma ilha paradisíaca, cuja beleza é ornamentada pela fantasmagoria e pela imagem da morte. A partir dos aspectos considerados na análise – a manifestação do sublime, a ambientação das Trevas e a temática da morte –, pode-se constatar alguns traços da ficção de terror que estão presentes, implicitamente, nas instâncias narrativas com significações críticas e desarticuladoras igualmente implícitas e concluir que cada um dos elementos analisados contribui para compor a imagem crepuscular do conto.

Referências bibliográficas

BEER, Janet. **Kate Chopin, Edith Wharton and Charlotte Perkins Gilman: Studies in Short Fiction**. New York: Palgrave Macmillan, 1997.

BOTTING, Fred. **Gothic**. 2. ed. London: New York: Routledge, 2014 (The New Critical Idiom).

_____. **Gothic**. The New Critical Idiom, London / New York: Routledge, 1996.

BROSE, Elizabeth R.Z; CARDOSO, Betina Mariante; VIÉGAS-FARIA, Beatriz (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

BURKE, Edmund. Of the Sublime. In: SAGE, Victor (ed.). **The Gothick Novel**. London: Macmillan, 1990, pp. 33-38.

_____. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. Trad. Enid Abreu. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

CHOPIN, Kate. **A night in Acadie**. New York: Garrett Press, 1968.

_____. **O despertar**. Trad. Carmen Lúcia Foltran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Wiser Than a God**. In: SEYERSTED, Per (ed.). **The Complete Works of Kate Chopin**. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 1988 (Southern Literary Studies), pp. 39-47.

GEORGE, Jessica Bridget. **The Whole Island Seems Changed: A Bioregional Approach to Kate Chopin's Fiction**. *The Journal of the Midwest Modern Language Association*, vol. 49, no. 1, 2016, pp. 25–51. JSTOR, www.jstor.org/stable/44134675. Acesso em 29 jul. 2018.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination**. London: Yale University, 1984.

MARTINS, Maria Helena. **Na Chênrière Caminada: caminhos da leitura**. In BROSE, Elizabeth R.Z; CARDOSO, Betina Mariante; VIÉGAS-FARIA, Beatriz (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

MOSCOVICH, Cíntia. **Os transcendentos significados da contística de Kate Chopin**. In BROSE, Elizabeth R.Z; CARDOSO, Betina Mariante; VIÉGAS-FARIA, Beatriz (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

QUINELO, Adriana Ruggeri; GUERRA, Henrique. **Na Chênrière Caminada**. In BROSE, Elizabeth R.Z; CARDOSO, Betina Mariante; VIÉGAS-FARIA, Beatriz (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

ROSSI, Aparecido Donizete. **Imagens góticas na obra de Kate Chopin: o capítulo 13 de O despertar**. Anais do SILEL. Uberlândia: EDUFU, v. 3, n. 1, p. 1, 2013.

_____. **Segredos do Sótão: Feminismo e Escritura na obra de Kate Chopin**. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP.

_____. **Seria a pena uma metáfora do falo? Ou a inquietante presença da mulher na literatura**. ÍCONE - Revista de Letras, São Luís de Montes Belos, v. 1, p. 20-41, dez. 2007.

_____. **Sob a égide de Afrodite: o espaço feminino em O despertar, de Kate Chopin**. Revista de Letras, São Paulo: UNESP, v. 50, n. 1, p. 199 – 215, jan. – jun. 2010.

_____. **The Gothic in Kate Chopin**. Kate Chopin in Context: New Approaches. Edited by Kate O’Donoghue and Heather Ostman, Palgrave Macmillan, 2015, pp. 65- 82. ResearchGate, doi: 10.1057/9781137543967_5. Acesso em 20 jul. 2018.

SEYERSTED, Per. **Kate Chopin. A Critical Biography**. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 1980.

STEIN, Allen F. **Women and Autonomy in Kate Chopin’s Short Fiction**. New York: Peter Lang. 2005.

TOTH, Emily; SEYERSTED, Per. (ed.). **Kate Chopin’s Private Papers**. Bloomington (IN); Indianapolis (IN): Indiana University Press, 1998.

WALPOLE, Horace. **O castelo de Otranto**. Trad. Alberto Alexandre Martins. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

Aquisição de inglês por meio de videogames não didáticos

Gabriel Ortiz NUNES⁵⁶

Andressa BRAWERMAN-ALBINI⁵⁷

Resumo

Os videogames têm se mostrado uma forte ferramenta de aprendizagem de língua inglesa. Atualmente, é muito comum ouvir relatos de falantes que afirmam ter aprendido a língua apenas pelo uso dos jogos. Segundo Krashen (1987), a aquisição de uma segunda língua requer interação na língua-alvo na qual os falantes não precisam se preocupar com a estrutura da frase, e sim em entender a mensagem que estão recebendo. Assim, o objetivo deste trabalho é verificar as impressões de alunos de Letras - futuros professores de inglês - a respeito de jogos como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem da língua a partir de um questionário composto por perguntas abertas e fechadas. Os resultados mostraram que os participantes são cientes da contribuição dos videogames para a aquisição da língua inglesa, principalmente nas habilidades de compreensão oral e escrita.

Palavras-chave: Aquisição. Língua Inglesa. Videogames.

Abstract

Videogames have proven to be a powerful tool to learn English. Currently, it is very common to hear non-native speakers of English say they have learned the language only by playing games. According to Krashen (1987), the acquisition of a second language requires interaction in the target language in which the speakers do not need to worry about the structure of sentences, but only understanding the message transmitted. Thus, the objective of this work is to verify the impressions of English Letters students - future English teachers - regarding videogames as tools in the English teaching-learning process through a questionnaire composed of open-ended and closed-ended questions. The results have shown that the participants are aware of the

⁵⁶ Graduando em Letras Inglês na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - 80230-901 – Curitiba – PR. E-mail: gabriel.nouns@outlook.com.

⁵⁷ Professora doutora do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - 80230-901 – Curitiba – PR. E-mail: andbraw@utfpr.edu.br.

contribution videogames can make to English acquisition, especially regarding listening and reading abilities.

Keywords: *Acquisition. English. Videogames.*

Introdução

Entre os catalisadores já utilizados em salas de aula, principalmente nas de Língua Inglesa, podemos encontrar as músicas, vídeos, filmes e a Internet. Apesar disso, o videogame, uma das mídias eletrônicas mais presentes no mundo dos jovens da atualidade, tem sido um pouco ignorado no ambiente didático, sendo poucas as pesquisas nessa área que contemplem a aquisição de língua estrangeira (LE). Segundo Krashen (1987), a aquisição de uma segunda língua requer uma interação na língua-alvo na qual os falantes não precisam se preocupar com a estrutura da frase, mas sim em entender a mensagem que estão recebendo. O autor propõe a distinção entre aquisição e aprendizagem, em que a primeira se daria de forma inconsciente e automática e a segunda seria conscientemente, resultando do conhecimento formal sobre a língua.

Nas últimas décadas, houve uma ampla ascensão do mercado de *games*, que já superou a indústria do cinema no quesito entrada e saída de capital nos últimos anos e, até mesmo, recebeu reconhecimento artístico por museus mundialmente famosos, como o Museu de Arte Moderna de Nova York. Assim, fica claro notar que os videogames têm muitas características semelhantes às de outros materiais didáticos e não didáticos, como diálogos e enredos intrigantes e outras características exclusivas de sua interação. É nesse contexto que se nota necessário discutir a aquisição de língua inglesa por meio de videogames não didáticos, assim como também a influência do seu gênero, com o intuito de direcionar aqueles que podem no futuro querer tirar o máximo proveito desse novo instrumento de línguas da atualidade.

Dessa maneira, o objetivo desta pesquisa é verificar as impressões de alunos de Letras - futuros professores de inglês - a respeito de jogos não didáticos como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem da língua. Para tanto, foi elaborado um questionário abordando a aquisição de língua por meio de videogames não didáticos.

Com o propósito de apresentar uma parte teórica e uma parte descritiva da

pesquisa, as próximas seções deste trabalho estão divididas de acordo com seu tema de forma sequencial. Após esta seção introdutória, há a seção teórica que relaciona o uso de videogames com alguns conceitos de aprendizagem de uma LE. Na seção seguinte, é apresentada a metodologia, seguida da análise dos resultados obtidos. Por fim, conclui-se este artigo com a seção de considerações finais.

1. Revisão de literatura

Esta seção apresenta pesquisas que investigam os princípios de aprendizagem de uma LE e sua relação com videogames, como Gee (2009), Filatro (2008 *apud* SOARES; WEISSHEIMER, 2012), Brown (2007 *apud* SOARES; WEISSHEIMER, 2012) e Oliveira e Campos (2013).

Gee (2009) analisa os bons princípios de aprendizagem que os videogames proporcionam e as suas semelhanças com alguns dos princípios utilizados em sala de aula, assim como também aspectos exclusivos da plataforma eletrônica. Antes de sua pesquisa, Gee (2009) relata que, ao observar seu filho de quatro anos jogar *Pajama Sam*, notou que embora o jogo não fosse didático, ele era repleto de desafios que psicólogos utilizam quando estudam o pensamento e aprendizagem das pessoas. Ao perceber que ele mesmo, uma pessoa mais velha, estava tendo muitas dificuldades com o jogo, o autor pensou no fato de que tantos jovens pagam muito caro para entrar em um desafio de um jogo que é difícil, longo e complexo. Foi a partir dessa reflexão que Gee concluiu que jogos não didáticos incorporam bons princípios de aprendizagem, pois se ninguém pudesse aprender e aproveitar algo desses jogos, ninguém os aceitaria - o que faz sentido pois os jogadores não gostam de um desafio fácil, fraco e curto. Gee (2009) determina, assim, que em um nível mais profundo o desafio e o aprendizado são uma grande parte do que torna bons jogos motivadores e divertidos. Consequentemente, isso causa uma aprendizagem na qual o jogador se diverte e aprende de maneira inconsciente.

Gee (2009) aponta, então, os princípios de aprendizagem que bons jogos podem trazer, sendo ao todo 16 princípios. Dentre eles, destacamos aqui os sete primeiros. O autor começa com o princípio da **identidade**, a partir da qual o jogador irá interagir nesse novo mundo no qual ele viverá, aprenderá e agirá de acordo com a sua nova identidade. O segundo é a **interação**, com jogos eletrônicos que respondem às

interações do jogador, criando uma relação entre personagem, jogador e mundo. O terceiro é a **produção**, pelo fato de o jogador construir a sua própria e única história dentro do jogo, decidindo o que ele mesmo irá produzir e fazer. O quarto é a **tomada de risco**, pois mesmo que no início o jogador falhe em vencer um desafio difícil, na próxima vez ele estará mais preparado do que anteriormente. O quinto princípio, **customização**, remete à propriedade de adaptar o jogo ao gosto do jogador, seja pelo nível de dificuldade ou pelos variados atributos e papéis em que seu personagem tem a possibilidade de atuar. O sexto princípio gatilho de aprendizagem é a **agência**, sendo o resultado dos princípios já citados acima, fazendo com que o jogador tenha a sensação de controle e domínio sobre o jogo. Outro princípio importante, a **exploração**, **incentiva** que ao invés de se cumprir diretamente o objetivo do jogo, o jogador explore o ambiente do jogo ao seu redor, deixando para trás a forma de pensamento linear. Em um videogame uma palavra está sempre relacionada a uma ação, objeto e diálogos e, melhor que um dicionário em que é apenas apresentado o significado da palavra ou verbo, o videogame traz ao jogador o seu significado situado em uma experiência em que o jogador pode observá-la sendo executado.

Pensando nisso, a teoria de aquisição da segunda língua de Krashen (1987) pode servir de apoio para o que Gee (2009) aponta, pois segundo Krashen (1987), a aquisição de uma segunda língua não requer o uso extensivo de regras gramaticais, mas sim uma interação significativa na língua-alvo por meio de comunicação natural. Neste caso, os falantes não se preocupam com a forma de seus enunciados, mas com as mensagens contextualizadas que estão transmitindo e entendendo, características essas muito condizentes com o que Gee (2009) aponta sobre a aprendizagem através de videogames.

Além disso, Filatro (2008 *apud* SOARES; WEISSHEIMER, 2012), ao utilizar da abordagem pedagógica construtivista individual, baseada na obra de Piaget, demonstra que as pessoas aprendem pela exploração com papel ativo do mundo em que elas vivem. Pensando nisso, é possível notar características muito semelhantes dentro dos videogames, os quais quase sempre apresentam mundos no qual o jogador, através de um personagem, deve explorá-los para cumprir seus objetivos.

Para Brown (2007 *apud* SOARES; WEISSHEIMER, 2012), existe um modelo ideal de aprendiz, o qual possui confiança suficiente para tomar riscos e que precisa também ser capaz de controlar a ansiedade, sendo assim, autossuficiente. Porém, não é raro que o aluno encontre dificuldade ao conhecer e dominar as suas habilidades

linguísticas por fatores como timidez e insegurança, por exemplo. Levando isso em conta, Rankin [2006 *apud* SOARES; WEISSHEIMER, 2012], pensa de forma que o videogame venha a ser uma ferramenta mais acalentadora ao aprendiz, pois segundo ele, os videogames atribuem a capacidade de mascarar a própria identidade do jogador por meio de um avatar/personagem, o que pode contribuir para diminuir fatores negativos à aprendizagem, como a ansiedade, ao ter uma interação face-a-face com falantes nativos, por exemplo.

Em um ponto mais específico, são vários os gêneros de videogames encontrados hoje em dia, contudo Oliveira e Campos (2013) apontam que os RPGs aparentam ser os principais responsáveis pela aquisição incidental de LI devido às muitas longas horas de jogo para ser finalizado e o foco no desenvolvimento do enredo e dos personagens. Os autores apresentam algumas sugestões em como utilizar os videogames como ferramenta prática dentro da sala de aula. Os autores sugerem, por exemplo, que os alunos joguem *Scribblenauts Unlimited* (PC), do gênero *puzzle*, jogo em que o jogador deve usar a sua criatividade para resolver diversos problemas, digitando o objeto/pessoa/criatura para que este apareça na tela. Assim, ao precisar salvar um gatinho na árvore, o jogador pode digitar *fireman* para que um bombeiro apareça e faça o resgate ou ser um pouco mais ousado e digitar *winged* para que o personagem ganhe asas e voe até a árvore. A atividade foi proposta para uso em sala de aula de maneira que os alunos trabalhem em duplas ou equipes, já que a criatividade é a chave para o domínio do jogo, ou então, com o professor no comando do jogo e com os alunos de suporte, dando sugestões de como resolver os problemas do jogo, sempre fazendo uso da língua inglesa (LI). Dessa forma, o jogo incorpora práticas de aprendizagem em que o jogador entra em contato com o meio em que está jogando, usando da LE para conquistar os objetivos requisitados.

Outro exemplo prático de videogames em sala de aula é o jogo mencionado por Oliveira e Campos (2013), do gênero *party games*, *Wario Ware Smooth Moves* (Wii). Nesse jogo, o jogador deve realizar movimentos com o controle para cumprir objetivos, recebendo ordens por meio de sentenças no imperativo. O jogo é intuitivo, então mesmo que o jogador não entenda a frase em inglês ele pode observar a imagem na tela, como uma pessoa segurando uma vassoura acompanhada da frase —*Don't drop it!* com o objetivo de que o jogador apoie o controle na palma de sua mão, como se equilibrasse uma vassoura, por exemplo. Trabalhando diversas inteligências, o jogador usa as

habilidades de fala e escuta para contextualizar a informação que recebe com as ações que precisa executar, remetendo assim aos princípios de aprendizagem de Gee (2009) como a tomada de risco e agência, entre outras. Os autores propõem que o jogo seja realizado em rodadas de atividades entre os alunos e que os mesmos apoiem uns aos outros por meio de dicas falando em inglês.

Na pesquisa de campo realizada pelos autores, são apresentados dois questionários que buscam verificar a contribuição de jogos para a aquisição incidental de LI em alunos do curso de Bacharelados de Sistemas de Informação (BSI) e conhecer a opinião de futuros professores de inglês (alunos de Letras Português-Inglês) acerca do papel dos videogames no ensino-aprendizagem da língua, ambos realizados com alunos de uma universidade pública do sul do Brasil. Oliveira e Campos (2013) observaram que em seu primeiro questionário todos os alunos de BSI acreditam que os videogames influenciam o seu aprendizado/aquisição da LI. Questões como o enredo e a associação de palavras com imagens foram mencionadas como fatores que contribuem para a aquisição. No que diz respeito às habilidades desenvolvidas pelos videogames, os participantes avaliaram a leitura e a compreensão oral como habilidades mais desenvolvidas se comparadas com a fala e a escrita. Em seu segundo questionário, os autores observaram que os alunos de Letras também acreditam que o videogame é uma ferramenta que contribui para a aquisição da LI. As habilidades da língua também foram avaliadas de forma semelhante aos alunos de BSI. Porém, ao serem questionados se fariam uso da ferramenta em suas aulas, alguns participantes reconheceram a limitação do videogame como uma ferramenta secundária que deve ser utilizada para aprimorar o conhecimento da língua fora do ambiente de sala de aula.

A partir dos pressupostos mencionados, a próxima seção relatará a metodologia da pesquisa conduzida.

2. Metodologia

Esta pesquisa foi composta por um questionário que aborda a aquisição de língua inglesa por meio de videogames não didáticos. Para a construção deste questionário (Apêndice), foram levadas em conta reflexões apontadas por Dornyei (2003). Segundo o autor, é necessário que as perguntas sejam equilibradas, divididas em perguntas fechadas e abertas, não produzindo um questionário muito curto ou longo

para não desmotivar o participante ao respondê-lo. Foi elaborado, assim, um questionário com oito perguntas, sendo quatro abertas, três fechadas e uma mista. Foram também apresentadas no início três perguntas abertas sobre informações pessoais.

Com respeito à escolha do instrumento de pesquisa utilizado, optou-se por um questionário devido às suas vantagens em comparação a uma entrevista pessoal, seguindo-se Dornyei (2003). O custo (horas de trabalho, deslocamento e nível da equipe), assim como o tempo para a aplicação, são menores e práticos de serem realizados. O controle, qualidade e quantidade dos dados também se tornam práticos de organizar. O anonimato ainda corrobora a coleta de dados sinceros, embora dificulte seu controle. Questionários tendem por padronizar perguntas e respostas, assim como é possível realizá-lo com mais de um participante por vez. Uma entrevista semiestruturada possibilitaria dados mais detalhados para a pesquisa, contribuindo para seu resultado. Porém, um questionário misto com perguntas abertas e fechadas realizado com um grupo maior acabou sendo uma opção viável e prática que ainda cumpre com seu objetivo: verificar as impressões de alunos de Letras - futuros professores de inglês - a respeito de jogos como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem da língua.

Os questionários foram preenchidos por 12 estudantes de Letras Português-Inglês, sendo que seis eram alunos do sétimo período e os outros seis eram alunos do oitavo período, ou seja, já finalizando o curso e prestes a se tornarem professores. A idade dos participantes variava entre 21 e 48 anos, com média de 29 anos. O grupo era composto por cinco homens e cinco mulheres, mais dois respondentes que não se identificaram.

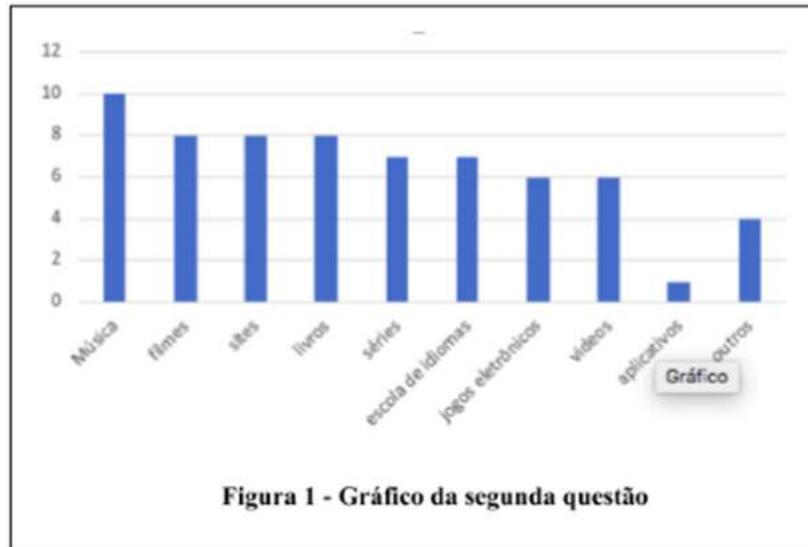
Todos os entrevistados são estudantes brasileiros de uma universidade pública no Sul do país, uma vez que a universidade pública tem por objetivo oferecer a educação a todos. Além disso, optou-se por selecionar alunos de Letras - Inglês que estão nos últimos períodos do curso por estarem dentro de uma licenciatura e terem uma ampla perspectiva acadêmica com relação à visão de lecionar e ser professor, assim como estarem em grande contato com a língua inglesa, que é ponto chave dentro dos videogames. Não foram pré-selecionados alunos que já tivessem relação com os videogames, já que o objetivo da pesquisa também é analisar impressões de futuros professores de língua inglesa que não têm muito contato com essa área.

Com relação aos tipos de jogos eletrônicos explorados, foram considerados

como videogames todas as plataformas: console, *smartphone* e console, etc. Foram filtrados, porém, os gêneros de jogos da entrevista. Como existem mais de 60 gêneros possíveis, optou-se por escolher os mais comuns, partindo-se do ponto que são os mais vendidos atualmente (Ign website). Foram, assim, selecionados os jogos de RPG, *puzzle*, estratégia, esporte e simulação, que se caracterizam por um jogador que direciona apenas comandos para completar o objetivo do jogo. Foram incluídos também os gêneros de ação, aventura, terror, corrida e FPS (jogos de tiro), que têm por maior característica em comum o controle do jogador em terceira pessoa sobre um personagem, o qual ele controla para cumprir seus objetivos.

Em relação à experiência dos participantes com jogos eletrônicos, oito responderam que jogavam há mais de três anos e quatro alunos responderam que não jogavam videogames, dando, assim, um total de 66% dos alunos que jogavam videogames. É interessante notar que nenhum participante jogava há menos de 3 anos, há 1 ano ou há 6 meses, as outras opções citadas no questionário.

A respeito das ferramentas utilizadas pelos alunos para aprender inglês, as respostas obtidas foram variadas. Entretanto, as mais comuns foram: música em primeiro lugar - com 10 respostas; filmes, sites e livros em segundo lugar - com oito respostas cada; séries e escola de idiomas como a terceira opção mais escolhida - com sete respostas; e vídeos como a quarta opção mais escolhida - com seis votos. Apenas um participante marcou que utilizava aplicativos para aprender inglês e, no campo aberto "Outros", um listou viagens, outro relatou que utilizava podcasts e histórias em quadrinhos, um escreveu o nome da universidade e mais um escreveu "músicas e videogame primeiro, depois Youtube". É válido notar que, embora oito participantes afirmaram jogar videogames na primeira questão, isso não se contradiz com os seis que marcaram a opção jogos na segunda questão, pois a questão de número 2 questionava qual ferramenta era utilizada para aprender inglês. Isso pode mostrar que nem todos os oito participantes que afirmam jogar aprendem com o videogame ou, ao menos, não aprendem conscientemente. A Figura 1 descreve esses dados de forma visual:



A próxima seção fará uma análise das respostas e dos resultados encontrados no questionário.

3. Análise e resultados

As primeiras perguntas do questionário ajudam na caracterização dos participantes, então estão expostas na seção anterior. A análise dos resultados começa, assim, a partir da terceira pergunta, que questionava se os participantes acreditam que videogames não didáticos podem ser utilizados como ferramentas de apoio para alunos que estão aprendendo inglês e por quê. Embora nem todos os 12 participantes jogassem videogames, todos afirmaram que acreditavam que sim, com exceção de um participante que deixou a resposta totalmente em branco. A maioria utilizou características positivas e semelhantes em suas justificativas. Uma resposta interessante obtida por um não jogador foi "Mesmo não jogando, acredito que pode ser uma ferramenta interessante para desenvolver as habilidades necessárias, principalmente *listening* e *reading*". Os demais participantes também afirmaram outras características como proporcionar o contato com a língua, dentro de um contexto de diversão, sem a pressão do ambiente de sala de aula, apontando também que os smartphones e jogos são ferramentas mais atraentes aos alunos, se comparados às ferramentas tradicionais de ensino na escola. Outros participantes também acreditam que é possível tirar proveito do uso dos videogames, porém é necessário o empenho do aluno, pois se há bastante

contato com o jogo, muito da estrutura e léxico da língua é internalizada. Esta última evidencia a perspectiva do participante de que o aluno precisa querer e se esforçar também para aprender a língua.

A quarta questão solicitava que o participante listasse três vantagens dos videogames para a aprendizagem de inglês. Três respostas semelhantes foram a "diversão", "curiosidade acerca da história" e "capacidade de prender a atenção do aluno". Outra resposta que também foi muito encontrada foram as habilidades da língua como: "Vocabulário - há muitas palavras que não fazem parte do nosso contexto. *Reading* - os jogos apresentam legenda para o jogador. *Listening* - as falas dos personagens ajudam a desenvolver o *listening*" e "compreensão da interface, possibilidade de interação na língua inglesa (se for *online*)". Outras respostas interessantes obtidas foram em relação ao videogame ser desafiador e, ao mesmo tempo, recompensador e, ainda, dois participantes listaram o lúdico, tão procurado no ensino de línguas estrangeiras atualmente.

A quinta questão pedia que os participantes classificassem de 1 a 5 (sendo 1 menor e 5 maior) o nível de aprendizagem de língua inglesa somente com o auxílio de videogames nas habilidades e elementos: compreensão oral (*listening*), fala (*speaking*), leitura (*reading*), escrita (*writing*), gramática (*grammar*), pronúncia (*pronunciation*) e vocabulário (*vocabulary*). No *listening* a maioria das respostas ficou entre 4 e 5, sendo cinco votos para a opção 5 e quatro votos para a opção 4. Ainda, três pessoas colocaram a opção 3 para essa habilidade. No *speaking*, a maioria das respostas se concentrou em 1 e 2 (os menores valores), tendo quatro e cinco votos cada, respectivamente. Um participante votou em 3 e outros dois colocaram 4 para essa habilidade. No *reading*, seis estudantes classificaram essa habilidade como 5, quatro a colocaram como 4 e dois selecionaram o valor 3. O *writing* teve respostas equilibradas, porém ninguém votou em 5, com sua concentração sendo no número 2, que recebeu cinco votos. A gramática foi um elemento com opiniões muito divididas, sendo que sua concentração foi em 2 e 3, que receberam três e cinco votos, respectivamente. Ninguém listou *pronunciation* como 1, mas todos os outros valores desse elemento receberam respostas e sua concentração foi em 4 e 5, recebendo quatro e três votos, respectivamente. Por último, *vocabulary* recebeu respostas apenas nos valores 4 e 5, sendo nove votos para 5 e três votos para 4.

Percebe-se, assim, que o vocabulário é o item que mais se acredita contribuir para o inglês de acordo com as visões desses futuros professores. O *listening* foi mais

uma habilidade que teve sua concentração em altos valores, mostrando que os participantes também acreditam que os videogames contribuem para o desenvolvimento dessa habilidade. O *speaking*, tendo suas pequenas divergências, mostrou-se como uma habilidade pouco desenvolvida com os jogos, o que faz sentido, já que jogos não requerem do jogador a fala. Já o *reading* teve concentração em altos valores, mostrando que essa habilidade é de grande forma desenvolvida pelo jogador, o que se conecta muito com algumas respostas da questão 4, na qual os participantes afirmaram que o enredo do jogo e sua interface contribui para o aprendizado. O *writing* foi considerado pela maioria dos participantes uma habilidade pouco utilizada nos jogos, embora alguns participantes discordassem. A gramática foi um elemento com divergência de opiniões no questionário, fato de que a maioria dos votos se concentraram no valor 3. Finalmente, a pronúncia também teve opiniões diversas. Contudo, a maioria de seus votos em altos valores mostra que se acredita que os videogames possam contribuir para o desempenho nessa habilidade. Ressalta-se, assim, que de acordo com os participantes, *vocabulary* foi selecionado como a habilidade mais ativa recebedora de contribuições para o inglês do usuário. Percebe-se, ainda, que as habilidades de recepção (*listening* e *reading*) receberam votos com valores mais altos que as habilidades de produção (*speaking* e *writing*), algo compreensível, pois os videogames requerem que os alunos leiam e escutem mais do que produzam a língua (falando ou escrevendo).

A sexta pergunta, em conjunto com a sétima, pedia dentro dos gêneros listados no questionário (RPG, ação, aventura, *puzzle*, terror, corrida, estratégia, esporte, FPS, simulação e também a opção “não jogo”) que se selecionasse um para o qual o participante considerava ser o mais fácil e produtivo para a aquisição do inglês e justificasse sua escolha. Das respostas, seis afirmaram que RPG seria o mais apropriado para a função. Algumas justificativas encontradas foram: a “[...] interação entre jogador e plataforma. Como é um jogo baseado em roteiro, é preciso lidar com muito texto durante o jogo” e também “Nos RPGs há grande profusão de diálogos e narrações, mais do que se comparado aos outros gêneros” ou “Geralmente, trata-se de um jogo que apresenta mais diálogos e necessita que estes sejam compreendidos para a realização das missões”. Essas características foram corroboradas por aspectos trazidos por Oliveira e Campos (2013), comentados brevemente na Seção 2, que apontam que os RPGs aparentam ser os principais responsáveis pela aquisição incidental de LI devido às muitas longas horas de jogo para ser finalizado e o foco no desenvolvimento do

enredo e dos personagens. Três participantes se identificaram como não jogadores nessa questão, conseqüentemente, não justificaram a escolha de um gênero na questão número 7. Embora um respondente tenha afirmado não utilizar jogos como uma ferramenta de aprendizagem na pergunta número 2, este selecionou o RPG como um gênero que acreditava contribuir para um aluno/jogador. Dois participantes apontaram o gênero estratégia ao afirmar que é necessária muita atenção para cumprir os objetivos e dar continuidade ao jogo. Por fim, um participante indicou o gênero simulação ao justificar que se requer mais empenho do jogador para que seja possível entender o contexto do jogo.

A oitava e última pergunta objetivava saber se os participantes indicariam os videogames para alguém que desejasse aprender uma língua estrangeira e por que. Onze das respostas foram afirmativas, tais como: "Sim, adoro videogames e sei que aprendi com eles" e "Sim, serve como estímulo para aprender e como auxiliar no aprendizado, mas dificilmente serve como fonte única de aprendizagem", ou ainda, "Sim, mas como um suplemento/acompanhamento/ reforço [...] o material não foi produzido tendo como objetivo o ensino, então poderia gerar uma certa frustração". Percebe-se, assim, que a maioria das respostas de fato mostram que esses futuros professores poderiam recomendar a alguém o videogame como ferramenta de autoaprendizagem. Porém, todas relatam que existem algumas observações a serem feitas e que alguns cuidados são necessários antes de recomendar a ferramenta. A única resposta que negou a recomendação do videogame trouxe uma questão interessante: "Não. Jogos digitais são diversos, muitas vezes caros e demandam várias habilidades motoras e cognitivas. O aprendizado de inglês é algo 'bem secundário'", o que levanta pontos intrigantes na hora de se recomendar o videogame como ferramenta, como a dificuldade de se aprender a jogar e também sua disponibilidade, que de fato não é uma realidade para todos os brasileiros.

A partir desses resultados, a próxima seção trará algumas considerações finais com respeito à pesquisa, retomando a metodologia, o objetivo proposto e verificando se o mesmo foi alcançado.

Considerações finais

Ferramenta presente e utilizada na realidade de muitos jovens e adultos, o

videogame, considerado muitas vezes apenas como uma ferramenta de entretenimento, demonstra possuir capacidade para mais do que isso. Esta pesquisa teve como objetivo verificar, por meio de um questionário, as impressões dos alunos de Letras como futuros professores de inglês a respeito de videogames como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem da língua. Percebeu-se que todos os participantes são cientes da contribuição dos videogames para a aquisição da língua inglesa, mesmo com alguns deles não sendo jogadores. Notou-se também uma visão positiva deles a respeito dos jogos eletrônicos não didáticos, devido a sua capacidade de prender a atenção dos jogadores. Ao analisar a aquisição da língua inglesa somente com o auxílio de videogames nas habilidades e elementos, nota-se que os participantes acreditam que as habilidades receptoras como *listening* e *reading* são mais ativas do que as produtoras como o *speaking* e *writing*, pois ao se jogar videogames se recebe mais informações do que se produz. Também acreditam que o elemento de pronúncia é afetado de maneira positiva pelos videogames e o vocabulário está mais presente do que o elemento de gramática.

O gênero RPG foi apontado como o mais indicado para entrar em contato com a língua inglesa, ponto mencionado também por Oliveira e Campos (2013), o que contribui para um futuro direcionamento de um aluno que queira aprender por meio dessa ferramenta. Por fim, os participantes quase que em sua maioria indicariam os videogames para alguém interessado em aprender uma língua estrangeira. Entretanto, mesmo sabendo de suas contribuições, algumas dificuldades são apontadas, como aprender a jogar o jogo em si, sua disponibilidade, dificuldades, aceitação, acesso e custo.

A presente pesquisa se delimitou a verificar apenas as contribuições de videogames **não** didáticos **fora** do ambiente de sala de aula. Mais estudos na área precisam ser feitos, porém com respeito a jogos didáticos e educacionais voltados para o ambiente escolar, para que essa ferramenta tecnológica possa ser utilizada em seu máximo potencial. É importante mencionar também que a pesquisa não testou os resultados do uso de videogames, mas apenas as percepções de futuros professores de inglês. Os estudos nessa área eram poucos há alguns anos atrás. Contudo, é possível observar que o interesse vem crescendo e que aparenta haver cada vez mais pesquisas construídas com base nos videogames, tornando-se assim um tema de abordagem promissor.

Referências bibliográficas

DORNYEI, Zoltán. **Questionnaires in Second Language Research: Construction, Administration and Processing**. New Jersey: Susan Gass And Jacquelyn Schachter, 2003. 156 p. Disponível em:

<http://moodle.utfpr.edu.br/pluginfile.php/250835/mod_resource/content/1/dorneyi_questionnaires_2003.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2017.

GEE, James Paul; MORGRIDGE, Tashia. **GOOD VIDEO GAMES AND GOOD LEARNING**. 2005. 13 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, University Of Wisconsin-madison, Madison, 2005. Disponível em:

<http://www.academiccolab.org/resources/documents/Good_Learning.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2017.

KRASHEN, Stephen. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. 1987. 111 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, University of Southern California, Nova York, 1987. Disponível em: <<http://aces.ir/attachments/22d1286622494-communicative-approach-stephen-crashen.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

OLIVEIRA, Karoline Schulze de; CAMPOS, Marlon Sergio Felipe. **O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA COMO LE ATRAVÉS DE VIDEOGAMES NÃO DIDÁTICOS**. 2013. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português - Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:n0ZKcu0TfckJ:repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2120/1/CT_COLET_2013_1_06.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 25 nov. 2017.

SOARES, Wilka C.S.; WEISSHEIMER, Janaina. Jogos eletrônicos do tipo MMORPG como ferramenta na aprendizagem de língua estrangeira. In: **Anais do III Congresso Internacional da ABRAPUI**, 2012. Disponível em:

<<http://www.abrapui.org/anais/ComunicacoesIndividuaisLingua/33.pdf>>. Acesso em:

08 fev. 2019.

APÊNDICE – Questionário**AQUISIÇÃO DE INGLÊS POR MEIO DE VIDEOGAMES NÃO DIDÁTICOS**

Idade: _____

Sexo: _____

Email: _____

1) Qual a sua experiência com jogos eletrônicos?

- Jogo há 1 ano
- Jogo há mais de 3 anos
- Jogo há 6 meses
- Jogo há menos de 6 meses
- Não jogo

2) Que ferramentas você utiliza/utilizou para aprender inglês?

- Jogos
- Músicas
- Filmes
- Aplicativos
- Séries
- Sites
- Livros
- Vídeos
- Escola de idiomas
- Outra: _____

3) Você acredita que videogames não didáticos podem ser utilizados como ferramenta de apoio para alunos que estão aprendendo inglês? Por quê?

4) Liste 3 vantagens dos videogames para a aprendizagem de inglês:

1. _____

2. _____

3.

5) Classifique de 1 a 5 (sendo 1 menor e 5 maior) o nível de aprendizagem de língua inglesa somente com o **auxílio de videogames** nas habilidades e elementos: compreensão oral (*listening*), fala (*speaking*), leitura (*reading*), escrita (*writing*), gramática (*grammar*), pronúncia (*pronunciation*), e vocabulário (*vocabulary*). (Você pode marcar o mesmo número mais de uma vez).

Listening: 1 2 3 4 5


Speaking: 1 2 3 4 5


Reading: 1 2 3 4 5


Writing: 1 2 3 4 5


Grammar: 1 2 3 4 5


Pronunciation: 1 2 3 4 5


Vocabulary: 1 2 3 4 5


6) Dentre os gêneros abaixo, selecione apenas 1 para o qual você considera ser o mais fácil/produtivo para a aquisição de inglês.

- RPG
- Ação
- Aventura
- Puzzle
- Terror
- Corrida
- Estratégia
- Esporte
- FPS
- Simulação
- Não jogo

7) Por quê?

8) Você indicaria os videogames para alguém que desejasse aprender uma língua estrangeira? Por quê?

Declaro que as informações contidas neste questionário são verdadeiras e autorizo a utilização de minhas respostas para pesquisas e publicações na área.

Assinatura do declarante

Uso, norma(s) e variação linguística no ensino de gramática de língua portuguesa

NEVES, M. H. M. Uso, Normas(s) e variação linguística. In: _____. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 131-145.

Camila Bordonal CLEMPI⁵⁸

A escrita manifesta um poder que se diferencia do poder da fala, já que traz à luz a permanência da linguagem através de um outro domínio e de um outro meio de suscitar a magia da palavra, o que não implica afirmar que existe uma dicotomização e/ou superioridade entre as modalidades. É em torno dessa discussão que se inicia a obra *A gramática do português revelada em textos*, de Neves (2018), cujo objetivo reside na reflexão sobre a linguagem em contexto de usos reais, com base nas variadas produções textuais-discursivas e fundamentada numa concepção de gramática como aquela que “organiza a interação, que organiza a informação e que organiza semanticamente os textos” (NEVES, 2018, p. 18).

No geral, a proposta de Neves (2018) é distanciar a abordagem gramatical da língua portuguesa de algo estanque, de rótulos e esquemas, e aproximá-la ao que efetivamente é – uma ciência –, tratando, portanto, dos procedimentos de constituição da linguagem a partir de diferentes situações nas quais os usuários da língua se inserem, investigando as formas linguísticas não somente levando em consideração unidades e construções, como também produções de sentidos, efeitos e valores alcançados no texto. Por esse motivo, sugere-se que a leitura da obra, integral ou não, além de servir aos estudiosos da linguagem, possa ser levada em sala de aula pelos professores de educação básica, na medida em que “a visão da gramática como um território isolado do uso da língua tem sido um dos grandes óbices à sua legitimação como disciplina com bom lugar no ensino de língua portuguesa [...]” (NEVES, 2018, p. 19).

Organizada em três partes⁵⁹, a obra conta com um total de mil e trezentas e noventa e quatro páginas dedicadas a estudos de casos, com vasta descrição e

⁵⁸Mestra no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FCLAr), Araraquara - São Paulo - Brasil - 14800-901. E-mail: camilabordonal@yahoo.com.br. (Bolsista FAPESP, nº do processo 2017/16959-6).

⁵⁹ *A gramática do português revelada em textos* contempla, além de introdução e apresentação (p. 13-29): indicações gerais e conceituais da gramática (Parte I, p. 33-145); diversas (sub)classes de palavras e

exploração dos mecanismos e processos gramaticais encontrados em ocorrências de dados empíricos do português, extraídos de textos falados e escritos que compõem, em grande parte, *corpus* e/ou obras (musicais ou literárias). São analisadas tanto as formas encontradas nas gramáticas normativas quanto aquelas julgadas como desvios, mas presentes nos usos linguísticos.

Aqui, opta-se por apresentar as principais considerações sobre o capítulo intitulado “Uso, norma(s) e variação linguística”, inserido na primeira parte do livro que, grosso modo, dedica-se a tratar de aspectos mais gerais e conceituais da gramática. A discussão em torno do olhar de Neves (2018) se faz necessária para uma revisão da maneira como as noções, que dão nome ao capítulo, são abordadas, tendo em vista o modelo de gramática defendido, de modo que os condicionamentos que provocam o desenvolvimento da variação e da mudança linguística possam ser reconhecidos, posto que comprovam a fluidez da linguagem no meio social.

Apoiada em trechos do romance “Nosso mote” (José Mauro Vasconcelos), como também em citações da letra da canção “Samba do Arnesto” (Adoniran Barbosa) e em menções aos personagens caricatos de história em quadrinhos (Chico Bento e Zé Lelé, de Maurício de Souza), a autora introduz o tema ao trazer a representação da fala de uma comunidade específica, que se difere do uso do padrão comum: a denominada **fala caipira**, um exemplo, pois, de variação diastrática. Tal como explica Neves (2018, p. 134), o termo técnico, ao contrário de condenar um modo de falar, tem o propósito de identificar a fala de um grupo de sujeitos que se encontram na zona rural ou periférica e, ainda, identificar determinados usos que podem ser encontrados nessa mesma comunidade linguística.

Por esse caminho é que, em continuidade, a autora aborda a “Variação linguística”, título do primeiro subcapítulo, e enfoca a linguagem como um fenômeno variável e como um instrumento social e heterogêneo. Neves (2018) traz ao leitor alguns tipos de processo de variação e aborda, resumidamente: (i) a variação diastrática (conforme a estratificação social); (ii) a variação diatópica (conforme o espaço/região); e (iii) a variação diacrônica (conforme a passagem do tempo). Assim como todo o restante da obra, as explicações para cada tipo são fundamentadas em exemplos diversos, em sua maioria, nessa subcapítulo especificamente, trechos de letras de

modo como funcionam (Parte II, p. 149-1191); e uma seção dedicada à consulta (Parte III, p. 1197-1323). Também possui glossário, referências bibliográficas, obras examinadas e índice remissivo.

canções, como no caso de “Vozes secas”, de Luiz Gonzaga, para tratar de variantes regionais nordestinas.

Chama atenção a observação de Neves (2018) em relação à variação diacrônica ao argumentar que a modalidade escrita tem um caráter mais estável do que a fala, embora também apresente mudanças no tempo. A autora, além disso, dá especial atenção ao condicionamento de inserção social e de acesso aos diferentes graus de escolarização (variação diastrática) que recaem, por consequência, nos diferentes modos de falar do sujeito e, assim, sugere:

Como ocorre em todos os campos de vida em sociedade, criam-se expectativas de modos de falar que são considerados “elevados”, “cultos”. Tidos como modelares, eles vêm regrados em obras e em ações declaradamente prescritivistas, contrapondo-se, muitas vezes, a usos bastante difundidos, na linguagem informal de todas as classes. Esse é o caminho que leva, muito frequentemente, a ações de evidente preconceito linguístico, sempre a ser evitadas, porque representam total desconhecimento da natureza da linguagem natural e de seu modo de funcionamento”. (NEVES, 2018, p. 136)

Verifica-se, desse modo, em “Uso e norma(s)” (subcapítulo 2), o fato de que há um padrão esperado no que se refere aos usos da linguagem em sociedade, de acordo com os variados contextos comunicativos, podendo existir, de acordo com a autora, dois sentidos para o que se conceitua como “norma”: (i) considerada como aquilo que é normal e representativo da língua no momento, que segue um padrão de permeação de usos na comunidade linguística; e (ii) considerada como aquilo que é normativo e que segue um padrão imposto/regrado, é o que se entende, por exemplo, por norma culta e norma padrão, sendo um meio facilitador para a expressão do preconceito linguístico, já que diz respeito a ideia de que há um modo melhor ou pior de fala de um determinado grupo social.

A visão delineada por Neves (2018) aponta para o estabelecimento de uma norma linguística a partir dos usos. Na mesma esteira, considera importante que tais questões sejam pormenorizadas em sala de aula, uma vez que o ensino deve “propiciar uma reflexão sobre a língua materna que capacite os usuários a perceber os níveis de adequação, de pertinência e de eficiência dos usos, segundo as destinações que cada situação de uso propõe” (NEVES, 2018, p. 27). Em outras palavras, se o sujeito tem domínio tanto de usos considerados “normais” quanto de usos prescritos, é possível a utilização da norma conforme o momento e a exigência da situação em contexto real de

comunicação. É papel da escola, portanto, atuar no sentido de fazer com que o aluno conheça as normas prescritas para que possa utilizá-las quando preciso for, uma vez que não se pode descartar a variedade de usos linguísticos existentes.

Nesse capítulo, a autora também se dedica a tratar sobre a “Linguagem em grupo” (subcapítulo 3), que engloba o que se denomina como “Gíria” (3.1) e como “Jargão” (3.2). Para ela, gírias são modos de expressão restritos a um grupo de indivíduos, podendo ter aceitação popular, embora tendam a entrar em desuso; enquanto jargões são mais precisos e mais técnicos, ligados a um grupo de especialidades, ainda que possa adentrar também em domínios de outros grupos. São tomados como exemplificações trechos da canção “Não tem tradução” (Noel Rosa) para a descrição de gírias, além da canção “Pela internet” (Gilberto Gil) e a crônica “O jargão” (Luis Fernando Veríssimo) para a descrição de jargões.

Neves (2018), por fim, em “Renovação e conservação lexical” (subcapítulo 4) evidencia o fato de que a criação/formação de novas palavras na língua é fundamental e tem motivações e procedimentos diversificados a partir de situações diversas; também revela que os arcaísmos podem se referir tanto ao processo de variação diacrônica, quanto ao de variação diastrática. Em relação aos estrangeirismos/empréstimos, a autora argumenta, com base em exemplos de trechos de canções, como é o caso de “*Good-bye*” (Carmem Miranda), que há um repúdio e certa resistência na incorporação de palavras importadas, particularmente de língua inglesa, já que existem palavras de língua materna de significados semelhantes, revelando uma “evidência da grande inserção que tem a língua pátria na consciência política dos indivíduos” (NEVES, 2018, p. 145).

Com o foco no exercício da linguagem por meio diversos gêneros, tipos (ou sequências) textuais, Neves (2018) traz ao público-leitor um projeto minucioso de descrição do português a partir da exploração de usos reais, valendo-se de uma escrita clara e didática. A autora, consagrada por seu trabalho e contribuições no âmbito da Linguística, empreende uma reflexão sobre a gramática, entendida como funcionamento da linguagem, por meio de uma exploração de dados empíricos. “Uso, norma(s) e variação linguística”, capítulo por ora resenhado, é uma sinalização da relevância de se trazer à luz, no ensino de língua portuguesa, os procedimentos e os processos gramaticais constitutivos dos usos em conformidade com a variabilidade do sistema linguístico.